GUSTAVO PENNA

IMMIGRAÇÃO CHINEZA

PARA

O ESTADO DE MINAS--GERAES

TYP. PEREIRA

SILVA, GOMES & PEREIRA

JUIZ DE FORA

Servindo de prologo

Fazendo parte da commissão central, recentemente eleita em Juiz de Fora para desenvolver a propaganda da immigração asiatica no Estado de Minas Geraes, tomei sobre meus hombros a tarefa de publicar no *Pharol* uma serie de artigos, que os meus bondosos companheiros de commissão julgaram de alguma utilidade, ordenando sua reimpressão em folhetos, para serem offerecidos aos nossos agricultores.

Escriptos ao correr da penna,sem estudo regular do assumpto, revelam a cada instante a precipitação no desalinho, a ausencia de um plano, traçado de antemão, na desordem dos argumentos. Tive principalmente em vista combater os preconceitos, geralmente espalhados contra o trabalhador chinez e como o fiz com sinceridade, acredito haver cumprido a missão que acceitei.

A grave questão da immigração chineza, que pende da sabedoria e patriotismo do poder legislativo, está victoriosa no espirito publico, justamente impressionado pela formidavel crise agricola, que diariamente augmenta de intensidade.

Nos *Trabalhadores do mar*, o maior poeta deste seculo descreve um rochedo á beira-mar, na Ilha de Guernesey, que ao cahir do crepusculo é rodeado traiçoeiramente e depois coberto pelas ondas,

e ao qual os peninsulares baptisaram com este expressivo titulo — *Quem dorme, morre.*

Cresce continuo o numero dos descontentes. E quando está ameaçada de completa ruina a classe mais productora do paiz, é o nosso primeiro dever applicar sem demora a medicação que ainda a poderá salvar.

Ninguem ignora a origem da crise agricola, a insufficiencia do pequeno numero de trabalhadores effectivamente occupados no serviço rural. O braço que conseguisse amparar a quéda, — que importa ser mais amarello ou menos negro? — teria prestado immenso serviço a este paiz.

Cumpre não distrahir a attenção e não perder tempo.

Não é tão applicavel á nossa situação actual o titulo da perigosa rocha de Guernesey? — *Quem dorme, morre.*

Gustavo Penna

Juiz de Fora, 3 de agosto de 1892.

IMMIGRAÇÃO CHINEZA

I

Transformada em Estado autonomo pelas modificações profundas que se vão effeituando em nosso paiz, á antiga provincia de Minas Geraes sobejam motivos de se orgulhar do modo austero e digno com que, sem constrangimento e sem vacillações, tem desempenhado honrosissimo papel no grande scenario da nossa historia contemporanea. Graças ao espirito ordeiro, ao bom senso e ao desprendimento politico que sempre a nobilitaram, da velha e honrada terra mineira pode se affirmar, sem rhetorica e sem exageros, achar-se collocada tão alto, que não lhe chega á fimbria da roupagem a espumarada das ondas, que turbilhonam, ameaçando de morte os que ainda estão longe do porto. Ao seu lar tranquillo e respeitado, onde convivem o trabalho e a economia severa, apenas chega, como echo longinquo e contristador, a algazarra do moderno Pateo dos Milagres, e a yozeria injuriosa e ameaçadora das victimas, que na hora de findar o jogo verificam, iradas, que as cartas do baralho haviam sido marcadas criminosamente pelo dextro *banqueiro* improvisado, tão baldo de sciencia na cabeça, como de probidade nas mãos.

Havendo concluido de maneira exemplar sua reorganisação e segundo os moldes mais adequados ao nosso meio, coroando merecidamente sua missão politica com a escolha, para seu presidente constitucional, de um de seus filhos que mais a illustram pela altivez, pela dedicação ao seu progresso e pela integridade de seu caracter sem nodoas, tranquilla e satisfeita ao examinar o trabalho já concluido, Minas tem de enveredar-se pelo caminho de sua prosperidade commercial e agricola, magno assumpto sobre o qual todos nós temos direito senão o dever de contribuir segundo as forças de cada um.

Era naturalmente restricto o debate sobre as questões politicas, porque só a tribuna da representação popular as echoava. E' ampla a discussão sobre as questões economicas e sociaes, porque as agita e fecunda a imprensa, onde se espelham mais nitidas e mais vibrantes.

« Os problemas que affectam os grandes interesses das nações, só podem ser discutidos imparcialmente, quando as paixões politicas não os absorvem, e quando os partidos não os aproveitam como arma de combate. E' necessario esperar que a calma se faça nos espiritos e que seja então completa a independencia das opiniões individuaes. » (*)

O problema do engrandecimento de Minas não o resolvemos somente com estender os trilhos das linhas ferreas atravez dos campos desertos, das mattas sem cultivadores e das povoações perdidas na immensidade, como sentinellas dos grandes sertões, tristonhas e sem vida como aldeias arabes. Outros elementos tão importantes como a viação férrea são egualmente indispensaveis, e por isso cumpre enfeixal-os pelo esforço commum.

Entre os factores da riqueza publica do Estado mineiro, accredito que nenhuns disputariam a proeminencia aos tres melhoramentos que as circumstancias exigem, e pelos quaes acredito não

(*) Jules Rochard.—*L'acclimatement dans les colonies françaises.*

haver poupado meu esforço, embora reconheça, sem falsa modestia, a minha incompetencia: a expansão do credito pessoal, pela creação de modestos bancos municipaes, que tanto cooperaram para o desenvolvimento da riqueza na Allemanha, na Alta Italia, na Belgica e na Escossia e que têm sido tão preconisados pelos economistas; a emancipação commercial, pela creação de uma alfandega central, inicio de desenvolvimento do serviço aduaneiro em Minas, de modo a serem attendidas opportunamente as zonas mais commerciaes do Estado; a affluencia do trabalhador estrangeiro que liberte as classes productoras do estado de incerteza em que vivem pelo dia de amanhã, tornando a vida rural em nosso paiz o que deveria ser, isto é, a mais attrahente, a mais tranquilla e a mais compensadora das profissões uteis.

Supponde a *drainage* de um immenso paúl, a transformação da área em terreno uberrimo, o aproveitamento de suas aguas, d'antes estagnadas e doentias, e movimentando as machinas transmissoras de força e de luz a grandes distancias, e tereis achado o *simile* dos bancos populares na Italia; supponde cortada por um largo canal a estreita faixa de terra que separa o territorio mineiro do oceano e tereis encontrado o *simile* das alfandegas centraes; supponde o rapido povoamento do solo, o augmento consideravel da nossa exportação, do valor da propriedade agricola, das nossas rendas, a tranquilidade restituida á classe mais laboriosa do paiz, a expansão industrial e do commercio, e tereis encontrado o *simile* do que seria dentro de alguns annos o estado mineiro, se, abandonando preconceitos, que convem desarraigar, o governo brasileiro auxiliar a introducção do trabalhador *rural* do Imperio do Meio, o colono asiatico, que pela extraordinaria tenacidade do seu temperamento, pela brandura do seu genio, dedicação ao trabalho, humilde, intelligente, incançavel, faz lembrar a madrépora invisivel, que constróe lentamente no fundo do mar a base larga dos novos continentes.

II

No immenso territorio da republica brasileira occupa o Estado de Minas uma área calculada em 574.855 kilometros quadrados, maior do que o imperio da Allemanha, e tendo uma população que excedendo de tres milhões de habitantes, deve ser pouco menor do que a da Confederação Argentina.

Se ha um paiz capaz de passar sem o resto do mundo, é certamente a provincia de Minas,—affirmou convictamente um celebre viajante francez. E aos nossos olhos o solo mineiro, que poderia comportar uma população de sessenta milhões, entrecortado por tantos rios navegaveis. possuindo um clima saluberrimo, tão apropriado, ao norte, para a acclimatação das raças que habitam as terras mais ardentes das zonas tropicaes, como, ao sul, para os filhos das regiões mais frias da Europa septentrional ; formando um conjuncto tão vario de productos naturaes, que se nas terras do baixo S. Francisco prosperam admiravelmente o cacáo, a borracha, no sul acclimatam-se perfeitamente todas as fructas da Europa ; possuindo no seu sub-solo tão extraordinarias riquezas que, na phrase do professor Gorceix, Minas é um colosso, tendo uma armadura de ferro e um peito de ouro, o estado mineiro offerece aos olhos dos que o conhecem o aspecto de escrinio de riquezas inexgottaveis, e que só esperam o trabalho do homem para compensar-lhe o esforço e pagar-lh'o com usura.

Descrever todas as riquezas naturaes ; bosquejar ao menos, o que poderá ser esta região previlegiada ; entre-mostrar o futuro agricola e commercial de Minas, se a fortuna consentir que presidam os seus destinos o patriotismo, larguezas de vistas e firme confiança nos seus destinos, seria tarefa superior, jà não digo as minhas forças, mas, as de um espirito illustrado e vasto.

Intermina e fatigante seria a exposição de todas as nossas

riquezas e ainda mesmo aquelles que de mais perto as conhecem, não podem affirmar qual a zona mais rica ; onde é mais opulento o sub-solo, e nem ao menos decidir em ultima instancia qual a região mais apropriada a um ou outro ramo de agricultura.

Por muito tempo acreditou-se, — por exemplo, — que a região sul mineira não prestava-se ao cultivo do café. Hoje o sul de Minas não contem, com alguma segurança, menos de cem milhões de cafeeiros.

Tratando dessa materia em uma serie de artigos publicados pelo *Jornal do Commercio* em setembro de 1890, e orçando então aquelle algarismo em oitenta milhões, tive occasião de escrever o seguinte :

« A simples confrontação entre a estatistica daquelle almanack, (o da Campanha, de 1884) feita escrupulosamente e os mappas que consegui obter, comprovam de sobra esta minha asserção.

« No municipio de Alfenas, por exemplo, onde a industria de creação e a engorda do gado é um embaraço ao desenvolvimento do cultivo do cafeeiro, havia em 1884 cerca de 1,100.000 pés de café. Actualmente já se contam 426.000 na freguezia da cidade, 707.000 na da Conceição da Boa Vista. 674.000 na de S. Joaquim da Serra Negra e 1,156.000 na do Arêado, — quasi tres milhões ao todo.

« Nenhum facto pode dar mais vantajosa idéa da uberdade do solo sul mineiro e do quanto é apropriado para o cultivo do café, do que o seguinte, que apezar de me ser relatado por pessoas fidedignas, não me atreveria a publicar, se hoje não tivesse plena certeza de sua veracidade.

« Ha bastantes annos foi o distincto e venerando dr. Roque de Souza Dias, então presidente da camara municipal de Alfenas, convidado pelo cidadão Felisberto Antonio da Silva para com outras pessoas, entre os quaes o major Francisco de Paula Ferreira Lopes, verificarem quanto produzira um cafeeiro existente no terreno do convidante.

« Effeituada a colheita em presença de todos, verificou-se este resultado espantoso: o cafeeiro havia dado vinte e nove quartas, ou quasi tres arrobas! »

E' sabido que uma parte consideravél do nosso territorio se compõe de campos naturaes, extensos e hervosos, que apresentam o mais favoravel contraste com as pastagens de quasi todas as regiões européas, queimadas pelo gelo durante o inverno.

Na Australia, que hoje nos espanta pela sua prosperidade, e onde o colono emprega-se exclusivamente na industria pastoril, é incrivel o numero de embaraços que elle encontrava no começo, até realisar os primeiros lucros.

Seja-me permiitido transcrever um trecho da serie desses meus artigos, a que já me referi, e relativo ao assumpto:

« O immigrante tinha que arrendar terras do Estado pelo preço annual de 30 fr. o kilometro, supportar um anno de aprendizagem em alguma *station* jà constituida, comprar depois alguns casaes de carneiros, fechar o terreno com fios de arame, contratar auxiliares para cuidar do rebanho, guarda-lo dia e noite dos ladrões, responder a tiros de carabinas, ás flechadas dos Tasmanios, gente arteira e feroz; isto em um paiz onde a agua escassêa, raream as chuvas e seccas terrivies matam os rebanhos.

« M. Crawford relata em seu livro *Travels in Australia*, que no districto de Wagga Wagga houve uma secca que durou 14 annos, perdendo-se em diversas *stations* centenas de milhares de carneiros, mortos a sêde.

« Alem disto ha a moderna praga dos coelhos, importados por algumas sociedades de acclimatação na Australia e Nova Zelandia, onde tresdobraram o tamanho e proliferam em tanta maneira. que as lebres chegam a parir dez vezes por anno e oito e dez laparos de cada vez.

« C. de Varigny em um curioso estudo sobre a moderna Oceania dá as mais curiosas noticias sobre aquella peste de nova especie, que Pasteur lembrou-se de debellar pela inoculação do virus

rabico: — Em algumas fazendas, diz elle, avaliam-se em centenas de milhares os coelhos e cada anno o volume delles augmenta-se com seu peso. Espantosamente vorazes, comem as hervas até a raiz, e convertem paragens extensissimas, que nutriam 25 a 30 carneiros por hectare, em campos desnudados e poentos.

« M. Williamsom informa que em uma excursão feita com um delegado do governo, reconheceram ambos haverem desapparecido as pastagens em todo o districto. Bandos e bandos de coelhos enormes percorriam o paiz, afastando-se apenas na passagem da caléche. »

Compare-se existencia tão attribulada do immigrante da Nova Zelandia com a vida tranquilla e prospera, que ha meio seculo offerecemos em vão ao trabalhador rural da Europa; lembremo-nos que a emancipação dos escravos arrancou á agricultura seu quasi exclusivo elemento de trabalho, sem que outro o viesse ainda substituir; convençamo-nos que a affluencia de immigrantes europeus para Minas é actualmente impossivel, e se somos sinceros, acabaremos por confessar que sendo o peior dos alvitres confiar-se ao tempo a solucção de problema urgente, o unico meio de resolvel-o é pela introducção de trabalhadores *ruraes* da China em numero *limitado*, os melhores do mundo e com os quaes não convem confundir as espumas das praias, a ralé do litoral chinez, que é simplesmente ignobil e perniciosa.

A immigração européa para o Estado de Minas será objecto do artigo seguinte.

III

Tentei demonstrar nos precedentes artigos que pela sua organisação politica e administrativa, pelo genio pacifico e hospitaleiro, proverbial bondade de nossos costumes, pela exhuberancia dc solo e variedade de seu clima, o Estado de Minas devia ser ha muito para o trabalhador europeu, perseguido pelo imposto rural, destinado pela conscripção militar a servir de pasto às metralhadoras,

murado pela pobreza sem esperança, torturado, as vezes, pela fome e pela nudez,—um verdadeiro oázis na terra, proporcionando-lhe a custo de pequeno esforço a prosperidade que não encontra na patria, e garantindo-lhe a tranquillidade e a estima, que são a recompensa de todo o operario honesto e que respeita a lei.

Antes de desenvolver o ponto principal destes artigos, que consiste em estudar as vantagens da introducção do trabalhador asiatico e de enumerar os serviços que lhe devem outras nações, seja-me permittido examinar perfunctoriamente e de relance os elementos principaes de producção em Minas, e expender os motivos pelos quaes considero,—ao menos por emquanto,—uma utopia a affluencia de grande numero de immigrantes europeus para este Estado.

O unico ramo, prospero realmente da nossa agricultura, e em que se firma mais solida a nossa riqueza, como genero de exclusiva exportação importante, é o café,—o *avant-coureur* da civilisação, ou quando menos, o factor do adiantamento do Estado.

E' de notar-se que em Minas o municipio começa a prosperar, reanima-se o agricultor, circulam os capitaes, affluem os compradores de terras quando o cafeeiro vem occupar victorioso o primeiro logar. Deu-se isto no léste, ha menos tempo no sul de Minas e esse movimento tende a espalhar-se tambem pelo centro, principalmente na magnifica região denominada a matta da Corda.

Mas, nesse mesmo exclusivismo quantos perigos para o Estado !... Um anno de falha, a invazão de uma praga, e, como um castello de cartas, desabam todos os calculos do thesouro, todas as esperanças do lavrador...

Assim acontece actualmente no sul da Russia, onde a falta de colheitas de trigo, quasi o unico genero de exportação daquella região immensa, trouxe a fome, que dizima as populações ruraes, expulsas a coronhadas para as fronteiras, sob o pretexto de serem *hereges*,—o que demonstra que mesmo no imperio dos Czars o *necessitas caret lege*, é como aqui, traduzido livremente pelo adagio: *—a necessidade tem cara de herege...*

Outro genero de exportação do centro de Minas para o littoral é o gado, que tem nas pernas mais ligeireza do que se suppõe para acompanhar os movimentos do mercado. Se sóbem os preços na Capital Federal, o creador e o invernista mostram-se naturalmente animados e a industria pastoril parece cobrar alento, como actualmente. Se cáe o preço, o invernista calcula o emprego do capital, mede os riscos do negocio, somma os impostos que perseguem a rez até o matadouro,—como um bando de moscas famintas —e vae tratar de outra cousa.

Em relação ao cultivo de cereaes, Minas que poderia ser um dos maiores celleiros do mundo, consome em grande parte o que importa o Rio de Janeiro.

E' por isso que quando mais se accentuavam as irregularidades do trafego na estrada de ferro Central, não houve somente em alguns logares do interior o plano de tomarem-se de assalto os trens de generos de consumo, como um supremo reccurso imposto pela carestia e um violento protesto contra os desmandos da administração da estrada. Houve muitos que attribuiam essa desordem, que ainda perdura, ao plano politico de sitiar-se Minas *pela fome.*

A que contingencias não estamos sujeitos ! Tornar dependente do serviço de uma estrada a população que habita uma das regiões mais ferteis do mundo!...

— E' sabido que após a emancipação dos escravos no Brazil, a immigração italiana, descrente da miragem dos pampas, começou a dirigir-se para o nosso paiz.

Era então o momento apropriado de cavarmos fundo o leito á torrente que descia da alta Italia ; mas, como os rhetoricos e sophistas da côrte imperial, discutindo theses pueris quando já brilhavam ao sol de Roma os escudos dos barbaros, nós sempre hypnotisados pela maldita politica dos grupos, sempre dominados pelo sestro de baralharmos homens e idéas, não nos apercebiamos bem que os paulistas nos codilhavam com a mais invejavel pericia.

Durante o tempo em que occupavam a pasta da agricultura no imperio os ministros Rodrigo Silva e Antonio Prado, e, ainda depois destes, no governo provisorio, a corrente de immigração foi tão habilmente encaminhada para S. Paulo, que consi-dero impossivel fazel-a reffluir para o Estado mineiro,porque depois de povoar o immenso triangulo formado pelos rios Paraná e Paranapacema, tem de descer e espraiar-se pelos estados do sul, escolhendo primeiramente a riquissima zona do Paraná, cujos terrenos rivalisam com os melhores de S. Paulo,

A propaganda em favor desse Estado,feita á custa do Thesouro Nacional, faz honra, cumpre confessal-o, ao patriotismo dos paulistas que se collocaram á frente do movimeuto immigrantista.

N'um só mez os portos de Santos e Rio de Janeiro recebiam 25,242 immigrantes, dos quaes somente *cento e trinta e seis* procuraram a hospedaria de Juiz de Fóra. Em quatro mezes, durante o anno ultimo passado, de 8062 italianos que vieram para a hospedaria, apenas 815, a decima parte, ficaram em Minas, procurando provavelmente a maior parte desses individuos outros meios de vida, differentes das occupações em estabelecimentos agricolas. Em 13 de junho de 1891, dos 628 immigrantes vindos pelo *Rosario*, de Genova, seguiram d'aqui 606 para S. Paulo: de 484 desembarcados no *Bourgogne* sómente se localisaram em Minas 46; de 454 pelo *Aquitania*, sómente 58; de 383 pelo *Hanover*, apenas 6; de 625 vindos pelo *Duca di Genova*, sómente 38, etc.

Se hoje, (à custa do Estado já se sabe,porque é ridiculo o auxilio do thesouro federal,) se creasse o serviço da propaganda no estrangeiro em favor da immigração para Minas, entendo que muito mais facil do que a vinda de trabalhadores ruraes, seria a remessa de immigrantes russos para servir-se a industria pastoril e a vinda de immigrantes belgas e hollandezes para o serviço domestico.

Mas, se é impossivel desviar a corrente immigratoria do estado de S, Paulo—e nem seria conveniente a tentativa,—de onde poderá o Estado de Minas esperar, de braços cruzados, que lhe venha o remedio, que é urgente? Não o devemos esperar dos paizes europeus que teem importantes colonias, como a França e a Inglaterra; não nos poderiam auxiliar efficazmente as pequenas nações como Portugal, Suissa e Dinamarca.

Restava-nos como inexgotavel fonte a Allemanha; mas, os laboriosos filhos da conferação germanica, que tanto cooperaram para a grandeza norte-americana, não viriam tão cedo procurar o nosso paiz em numero satisfactorio. Como observou o auctor da excellente monographia *Trabalhadores Chinezes*, é lei historica e ethnographica que as migrações operam-se naturalmente nas zonas equilatitudinaes. Demais, era necessario que Minas possuisse os Antonio Prado e outros propagandistas incançaveis, idolatras do progresso da terra natal e fosse menos explorada pelos ambiciosos sem patriotismo, deformados pela politicagem pessoal e aldeã, vivendo nesse elemento a semelhança das rans em charco.

Affirmar simplesmente que a introducção do trabalhador rural do imperio chinez é um mal ainda maior do que as peiores crises, é tarefa facilima.

Cumpre-nos, pois, combater esse preconceito, animados pela observação profundamente verdadeira de Stuart Mill: — O curso de cada idéa de progresso e de melhoramento resume-se nestas tres palavras: ridiculo, argumento e adopção.

IV

Conheceis o paiz do dragão volante e das chaleiras de porcellana? escreveu o immortal humorista H. Heine. — E' um completo museu de raridades, protegido por immensa e interminavel muralha guardada por cem mil sentinellas tartaras. Bizarra nação e curioso povo! A natureza com as suas producções franzinas e retorcidas, as flores gigantescas e phantasticas, anãs as arvores, recortadas caprichosamente as montanhas, as fructas de forma extravagante, os passaros multicores, tudo isto forma uma caricatura tão extravagante como o homem, de cabeça ponteaguda e corôada por uma facha de cabellos compridos, com suas reverencias, as unhas desmesuradas, a velha e intelligente gravidade e a sua linguagem infantil, composta de monosyllabos. Nessa região extranha o homem e a natureza não se podem encarar com seriedade.» — E' sempre inexacta e profundamente injusta a opinião que externam em relação ao Celeste Imperio os que o não conhecem, ou apenas tocaram de passagem em algum de seus portos, respondeu na *Revista dos Dous Mundos* o incançavel publicista G. Valbert. — Todos os viajantes que teem estado na China são unanimes em apregoar que a sua civilisação é digna de ser estudada de perto e julgada sem prevenções; que os chinezes podiam ser nossos mestres em agricultura, que são incomparaveis os seus horticultores e jardineiros; que os seus commerciantes são os mais habeis do mundo;

que a cabeça do mandarim, embora nos cause riso, occulta thesouros de ironica sabedoria ; que o chim tem sua maneira,—toda sua, —de comprehender a vida, e sabe imprimir-lhe um tal cunho de fundo bom senso, que naquelle immenso paiz, onde não faltam regulamentos, a arte de cada um se governar e de ser inteiramente livre é praticada com exito maior do que em muitas nações européas.

Dir-se-hia que naquelle paiz de surprezas para o viajante recem-chegado, a indole chineza lê pelo avesso o codigo da civilisação occidental, se não notassemos que ao chegar à fronteira da Europa o conhecido carro do progresso, já elle rodava ha quasi tres mil annos em territorio chinez.

Nenhum de nós que prezamos o nome de brazileiros, lê com indifferença as mentiras e os verdadeiros horrores que a respeito de nosso paiz, de nossos costumes, de nosso estado de civilisação escrevem os jornaes parisienses, inspirados pelas narrativas de viajantes mentirosos, como o fez um *naturalista* francez, o qual chegou a encontrar nas mattas do Rio Doce sapos enormes, ameaçadores, verdadeiros monstros ante-diluvianos, detendo o assustado viajante *avec des regards flamboyants* ; e como fazem os chronistas de *boulevard*, que nos julgam todos pela meia duzia de basbaques endinheirados, que da França sómente conhecem os pasmatorios das vitrines e os salões de café concerto.

Uma das falsidades mais enraizadas no espirito da nossa população, é que nos costumes chinezes, ha tamanha deshumanidade, que é frequentissimo se lançarem as creanças recem-nascidas á voracidade dos porcos.

Frades pedintes, com o coração cheio de misericordia, mas com o espirito saturado dessas invenções, a titulo de esmolarem em favor da *Sauta Infaneia*, iam inconscientemente as espalhando dos pulpitos.

Eis o que a esse respeito escreveu em 1884, numa serie de admiraveis artigos publicados na *Revista dos Dous Mundos*, o general chinez Tcheng-Ki-Tong, que parece haver pedido a H. Taine

as suas eminentes qualidades de critica : « Em si mesma, a obra da Santa Infancia, reveste-se de aspecto tão enternecedor,—quando, em nome da infancia miseravel, esmóla os pequenos *sous* da infancia feliz, esses *sous* que representam inuteis despezas poupadas, transformando-se em thesouro da charidade,—que não é facil acredital-o, tão admiravel é seu fim. Aquelles pobres chinezitos atirados aos... Que imaginação perfida ousou inventar tamanha infamia ?! »

O amor dos parentes às creanças é um sentimento innato e mesmisssimo no mundo inteiro.

E no imperio chinez não só o infanticidio é punido como o *homicidio de parentes proximos*, como tambem, quer nos estabelecimentos de assistencia publica, subvencionados pelo Estado, quer nos estabelecimentos fundados por particulares, os regulamentos garantem um premio a quem houver encontrado uma creaçna abandonada ou denunciar um crime de infanticidio.

As creanças de sexo masculino são consideradas os continuadores da familia, destinados a honrar o nome de seus paes, e ao recem-nascido é costume escolher-se a menina que um dia tem de ser sua mulher, sempre de alguma familia visinha, e que é então educada com o seu futuro marido e sob o mesmo tecto.

« Existem innumeras familias, assevéra aquelle escriptor, que a custo dos maiores sacrificios conservam junto de si todos os filhos, prodigalisando-lhes os mais affectuosos cuidados. A mãe que trabalha no campo, carrega ás vezes os dous filhos mais novos emquanto trabalha, penosamente inclinada sebre a terra. São atados, um nas costas e outro nas dobras da saia e sorriem aos passaros que esvoaçam em derredor, emquanto a misera prosegue no duro labor. A pobreza tem seus perigos: mas, porque não havia de ter tambem seus sentimentos de dedicação como a riqueza, à qual tudo é facil ? »

¿ E' suspeito o informante,embora ninguem o contestasse e sejam accordes todos os outros escriptores ?

Pois, ouçamos o depoimento insuspeito de um escriptor brasi-

leiro, o dr. Henrique Lisbôa, ex-secretario da missão especial do Brazil na China :

« Uma fantastica ornamentação das igrejas, vestimentas apparatosas e o rabicho usado pelos proprios padres europeus, a admissão do culto dos antepassados com suas supersticiosas cerimonias e outras concessões desse genero, (os jesuitas consideravam um peccado olhar para o pé de uma mulher,) pouco adiantaram, entretanto, os difficeis passos da propaganda christã, produzindo, ao contrario, um pernicioso schisma entre os missionarios.

« ...fundaram as missões catholicas numerosos hospicios e escolas por todo o Imperio. Mas, tal era o horror que manifestava a população por um culto cujas ceremonias offereciam tantas apparencias de idolatria, que esses estabelecimentos permaneceram quasi vasios durante muitos annos. Lembraram-se então os padres de comprar creanças a familias indigentes e cuja posição social tornava menos escrupulosas.

Para isso eram, comtudo, mui escassos os recursos de que dispunham as missões; foi preciso recorrer á caridade nos centros catholicos do Occidente e começaram então a espalhar-se nas familias e nos collegios essas celebres circulares pedindo *le sou pour les petits chinois*, nas quaes se revolviam as fibras da compaixão pela narração dos horrores de que eram victimas os innocentes recem-nascidos na China, exagerando-se interessadamente e *sem explical-os* (o grypho é meu,) alguns factos devidos á anarchia e á profunda miseria que reinaram em diversas provincias do Imperio durante a prolongada rebellião dos *tai pings*.

Os prodigiosos resultados que produziu aquelle appello à caridade, induziram os missionarios a manter em pé durante algum tempo uma tão rendosa fabula.

Hoje, porém, esse ardil está completamente desmascarado e ninguem na China, á excepção de viajantes alegres, que só tem em vista divertir o publico, dá maior importancia a factos isolados de tal ordem do que merecem as noticias de infanticidios ou do movimento da roda dos expostos que registram periodicamente as gazetas occidentaes. »

E que muito é que o longinquo Imperio do Meio seja assim tão calumniado, se para muita gente na Europa, qne se diz illustrada ou, pelo menos, educada, o brazileiro é um bugre baptisado e que ainda usa de cocar de pennas e de tacape ?

V

Moysés, Confucio e Mahomet são os legisladores da antiguidade, creando o ideal das tres grandes raças orientaes a que pertenceram, e affeiçoando-as ao modelo da perfeição que sonharam.

Curiosissimo sob muitos pontos de vista seria demonstrar-se o contraste absoluto que apresentam a nossos olhos o islamismo, que arrojou até as fronteiras de Portugal os exercitos mahometanos, sedentos de gloria e de conquista, educados no fanatismo oriental, e deixando nas paginas da historia o brilho de sua civilisação, do seu luxo e do seu culto ardente a todos as manifestações do bello e, —por outro lado—a religião mansa, de paz e de resignação, pregada pelo philosopho chinez, o Socrates da philosophia bhudista, organizando um completo codigo de moral, santificando a familia, dignificando o lar, dictando costumes austeros, creando o culto respeitoso dos antepassados, que é praticado até nas habitações mais indigentes, e chegando a preceituar as regras de exagerada polidez, que ainda perduram intactas e vividas.

Seria necessario remontar ás origens do imperio chinez, conhecer ao menos pela rama a historia de seus grandes monarchas, relembrados até hoje como os paes da nação chineza, e protectores solicitos de sua agricultura; é preciso conhecer a indole pacifica de seus 420 milhões de habitantes; examinar as causas de sua tranquillidade interna, para que se encontre a razão de se conservarem até

nossos dias, até este demolidor *fin de siecle* os mesmos habitos no lar, o mesmo respeito á autoridade constituida, e—porque não dizel-o?—a mesma ironia scintillante e sem maldade com que o chinez bem educado analysa muitos dos costumes europeus.

E' natural acharmos ridiculo, absurdo, por exemplo, o traje chinez, de côres vivas, as amplas vestes de seda, de grande roda, e que nos parêça exagerado o affectuoso respeito com que são tratados os velhos naquelle paiz, ao ponto de descerem todos os transeuntes do passeio das ruas, se encontram um septuagenario.

Mas, não devemos nos julgar offendidos se o chim entender que não tem muito bom senso o *barbaro* que, em clima senegalesco e suando em bicas, traja se de panno preto, correctamente abotoado, sempre martyrisado pelas leis caprichosas da moda e pelas regras severas das conveniencias.

Quanto ao respeito á velhice, bom é não ser geralmente sabido no Imperio do Meio que nas sociedade do civilisado occidente, essa respeitosa attenção ao homem veneravel pelos cabellos brancos, é *defeito* que vae desapparecendo rapidamente, e que os exemplos dos moços de Sparta ja estão muito fóra da moda.

Tratando de refutar os erros, geralmente espalhados contra o Celeste Imperio, Herbert Gillers, addido ao corpo consular da Inglaterra, escreveu o seguinte trecho em um livro, que foi publicado em 1876: — « Acredita-se geralmente que a nação chineza forma uma raça degradada e immoral; que seus habitantes são completamente deshonestos; que o opio, veneno peior do que a aguardente, exerce na população horriveis estragos, cujos effeitos nem o christianismo pode conter.

Uma estada de oito annos na China fez-me vêr que os chinezes são uma raça infatigavel no trabalho, sobria e feliz.»

E em outro capitulo accrescenta o mesmo escriptor:

« O numero das creaturas humanas, que soffrem frio e fome, é relativamente muito menor do que na Inglaterra e sob esse ponto de vista, que é da mais alta importancia, cumpre confessar que a con-

dição das mulheres da baixa classe é muito melhor do que a de suas iguaes na Europa.

Nunca a esposa è espancada pelo marido; não é sujeita a máos tratos, e, além disso, não tem este o costume de fallar-lhe em linguagem rispida, que não é raro ouvir nos paizes occidentaes. »

Nas provincias chinezas, informa o general Tcheng-Ki-Tong, tem a *luta pela existencia* numerosos auxiliares. São cultivadas as terras em toda a sua enorme extensão, occupando-se na agrtcultura uma grande parte da população.

Os agricultores vivem geralmente desempenhados, tanto os que possuem terrenos, como os arrendatarios. E' excessivamente diminuto o imposto rural, que representa a media de um franco por habitante, sendo isento o rendeiro nos annos de pequena colheita. »

Visitâmos as provincias, escrevia ha poucos annos um viajante francez, e vimos uma agglomeração immensa de população attingindo tal densidade que, não bastando a terra, em alguns logares, são obrigados a construir habitações e a fazer jardins sobre jangadas: vimos regiões, tendo 150 mil kilometros quadrados, conterem cincoenta milhões de habitantes, e admiravelmente cultivadas em toda a sua extenção.

« No Petchili, as granjas, as quintas sombreadas de frondosas arvores, semelham ramalhetes no meio de vastas planicies, onde ri a abundancia nas plantações, em fileiras alternadas. E quando finda-se a excursão ás bellas regiões chinezas, é com tristeza que volvemos o pensameuto aos desgraçados paizes da Asia Menor e do Egypto, onde o deserto é a regra e o campo cultivado a excepção; a habitação rural se encontra sempre isolada e em meio de terrenos incultos. »

Percorrendo as margens do Yang—Tse—Kiang, diz M. de la Vernède, vimos aldeias, ricas e prosperas succedendo-se quasi sem interrupção, um povo activo e laborioso mostrando no semblante e no procedimento estar contente com a sorte.

« Desçamos o Nilo alguns kilometros, e se nos dirigirmos a uma

povoação importante, encontraremos centenas de monticulos feitos de barro, que estão longe de ter o aspecto de habitações humanas Que differença das lindas aldeias que atravessamos no Hupé e nas margens do lago Poyang !

« Sobrio e economico, honesto e laborioso, o povo chinez emprega no trabalho tamanha tenacidade, que excede ao de muitas raças do occidente. E' um factor importante, que não convem despresar na alta politica. »

Denunciando desde já o erro grosseiro em que laboram muitos, confundindo o chim e o *coolie*, (palavra que significa *carregador de fardos* e que é propriamente applicada aos trabalhadores *indianos*,) e fazendo notar quanto nos tem prejudicado esse erro, perfeitamente explicado pelo dr. Salvador de Mendonça na sua excellente monographia *Trabalhadoros asiaticos*, devo observar que ao lado do immigrante *coolie*, cuja importação em diversos paizes da America foi uma pagina infame, o trabalhador rural do Imperio Chinez occupa logar muito mais elevado, e de que poderia dar idéa o confronto entre a pureza, a alta intelligencia de um brahmane e a bruteza humilde do *fellah*.

O povo chinez parece ter supprido pela intelligencia,pela perseverança, pela sagacidade o que faltava-lhe em sciencia moderna e a esses dotes é que explica se o haver descoberto a bussola, a polvora, a imprensa, etc.

Estudemol-o em seus defeitos principaes e depois que nos convencermos de que são infundados os receios da immigração asiatica para este paiz exhausto, consagremos algumas linhas á narração fiel do ignobil *trafico amarello*.

VI

Não me parece difficil tarefa catalogar os vicios e defeitos peculiares á raça chineza, da qual Schlegel, um dos maiores escriptores da Allemanha neste seculo, asseverou que a pericia nos trabalhadores agricolas, a pecularíedade nos productos da industria e da manufactura demonstravam o elevadissimo gráo de civilisação a que esse povo tinha attingido, e lhe marcavam entre as nações cultas um dos logares mais conspicuos.

O dr. Salvador de Mendonça, que, de resto, não conhece senão os chins localisados na California, accusa-os de serem suspeitosos, desleaes, mentirosos, não terem amor á terra para onde immigram e de serem concupiscentes.

A esta lista, que já não é pequena e nem lisongeira ao amor proprio chinez, accrescenta o illustrado autor da excellente monographia sobre os *Trabalhadores chinezes*, que estes precisam ser vigiados, por serem dados ao latrocinio.

Não venho contestar em absoluto asserções de escriptor tão competente. Apenas, e utilisando-me de outras informações espalhadas no mesmo livro e com as quaes elle mesmo procura justificar esses defeitos, e valendo-me tambem do que asseveram muitos outros escriptores que estudaram o chinez *na China*, pretendendo desfazer a penosa impressão que sempre produz no espirito publico

libello energico, tão conciso e de mais a mais firmado por publicistas de tanto prestigio.

— São suspeitosos, são desconfiados os chins... Bôa duvida!

E' a desconfiança que instinctivamente arisca a timida phoca quando sente que é perseguida ou quando a espreita o urso branco; é a justa desconfiança dos opprimidos e dos humildes, para os quaes não ha justiça e nem piedade dos poderosos, quando na concha da balança o interesse lança a garra faminta, menos limpa do que a espada ensanguentada de Brenno.

Para os chins representa o europeu a raça perseguidora, perversa e hypocrita, pela qual sentem a repugnancia que experimentavam os nossos indigenas, quando a raça invasora, logo após a descoberta do Brasil, gananciosa e destruidora, infamava a civilisação christã, pela serie de crimes contra a propriedade e contra a vida de populações inermes.

A historia deste seculo não tem paginas mais contristadoras e que mais deponham contra a civilisação christã do que os verdadeiros assaltos á mão armada contra o Imperio do Meio, a guerra deshumana por *interesse commercial*, a introducção do opio imposta pela artilharia, a estupida destruição do Palacio de Verão, uma das maravilhas do mundo, o bombardeio de cidades importantes e o saque, a coroar dignamenta estas façanhas.

E não influe tambem para esse defeito a ignorancia mutua das linguas, como relembra o mesmo escriptor?

A pécha de deslealdade parece não ser descabida em relação aos habitantes do litoral, com os quaes os negociantes estrangeiros estão em contacto. Mas, se esse defeito estivesse tão espalhado na população chineza, não poderiam até hoje existir as sociedades secretas que, ha mais de 200 annos, trabalham com uma calma e paciencia verdadeiramente chinezas para apeiarem do throno imperial a dynastia usurpadora dos mandchùs.

O autor do interessante livro *A China e os chins*, que residiu durante algum tempo no Imperio do Meio, refere a abnegação

heroica com que os filiados nessas associações secretas soffrem as maiores torturas para salvarem outro associado, que corria o risco de ser condemnado. E' força confessar que se deslealdade impéra na raça chineza, — e quem não foi ainda sua victima? — é tambem verdade que nenhum outro paiz offerece exemplos mais admiraveis da lealdade levada ao sacrificio voluntario do innocente.

Um dos portos chinezes abertos ao commercio estrangeiro, a cidade de Cantão, edificada á margem do rio das Perolas, contem uma população superior a um milhão de habitantes, dos quaes cerca de duzentos mil residem sobre a agua, negociando, habitando exclusivamonte aquella verdadeira cidade fluctuante, com suas ruas e praças, formadas de barcos, n'uma extensão de 7 kilometros.

Não é nesse porto que se embarcava o miseravel rebanho que atulhava os navios que procuravam a ilha de Cuba e o Perú, os *coolies*, os mendigos, os ladrões, uns á viva força, outros engajados por meios fraudulentos, desgraçados e desprotegidos, mais lastimaveis do que os africanos. Estudar a China em Macàu oujulgar do valor moral de uma nação pela ralé encontrada na cidade fluctuante, é o que aconteceu a grande numero de escriptores, nos quaes se inspiraram os que juram nas palavras do primeiro viajante que escreveu sobre o Imperio chinez, o qual contem seis raças bem diversas.

Em Cantão não haverà somente grande copia, como no mundo inteiro, de mentirosos, de desleaes e de velhacos; ha, com certeza, tambem numero consideravel de verdadeiros criminosos, como em todas as grandes cidades européas.

São deshonestos os chinezes,—que aos olhos da credice popular representam o typo acabado do gatuno,—tal é outra affirmativa.

Mas, ou naquelle paiz o trabalho não sanêa o espirito, o culto austero dos antepassados é uma comedia representada por quatrocentos milhões de homens, ou então nos convenceremos de que em questão de probidade pessoal o nivel moral do Imperio do Meio não está mais baixo do que nas sociedades occidentaes.

Embora receioso de fatigar a attenção dos que acompanham

estes artigos, transcrevo os seguintes dados da monographia *Trabalhadores chinezes*, porque fallam bem alto e com a logica irrespondivel dos algarismos.

« Os relatorios de varias penitenciarias e casas de correcção da California fornecem dados para julgarmos do proceder destes immigrantes. De 95000 chins na California estavam 198 na prisão do Estado em 1877, ao passo que nessa mesma epocha estavam lá 347 brancos.

No espaço de 12 annos foram sentenciados 711 irlandezes e 750 chins; mas, a população irlandeza adulta era apenas de 35000, ou cerca de um terço da chineza.

Na Escola Industrial, (tambem estabelecimento de correcção,) havia 4 chins em companhia de 225 de outras nacionalidades. Nesse mesmo anno, no Asylo de mendicidade, de 498 mendigos não havia se quer um chim, ao passo que havia 197 irlandezes; em 1878 havia um chim e 175 irlandezes.

No relatorio da Casa de Misericordia, de 1875, de 3918 entradas, apenas 11 foram de chins e 1308 de irlandezes; em 1878, de 3007, 948 foram de irlandezes e 6 de chins. No Lazareto para molestias contagiosas havia 22 recolhidos, nenhum dos quaes era chim. Só na cidade de S. Francisco as prisões por embriaguez durante o anno foram de 6127, nenhuma das quaes recahiu em chim.

Na mesma cidade e no mesmo lapso de tempo falleceram 4977 individuos, dentre os quaes 496 eram chins e 693 irlandezes.» (Wells Williams, *o Imperio do Meio.*)

Em um livro de viagens, intitulado *Six mois aux Etats Unis*, publicado este anno, A. Tissandier diz o seguinte: Uma das maiores curiosidades de S. Francisco é *China towu*. E' curiosissima a colonia chineza e o que ha de mais interessante em S. Francisco. Nunca comprehendi a razão de ter esse logar a reputação de asqueroso, ignobil e sujo.

Os chinezes são creaturas detestaveis, disseram-me sempre, deviam ser expulsos da America. E faziam-me a mais variada descripção de cousas horrorosas. Tudo isso parece-me excessivamente exagerado. O grande motivo da malquerença consiste no seguinte: o trabalho dos chins é baratissimo e o pouco que elles ganham é guardado. Vêm-se em toda a parte os signaes do util emprego do trabalho chinez, sempre o mais penoso, e que executam com paciencia e sem se queixarem.»

No artigo seguinte pretendo concluir a refutação das accusações mais repetidas contra o immigrante chinez, e, como sempre, arrimando-me a opiniões de escriptores insuspeitos, dando assim ao meu trabalho o unico merecimento que possue:—o de procurar ser sempre verdadeiro.

Nestes casos improvisar pode ser uma prova de habilidade; mas é sempre um erro.

VII

A absoluta isenção que me tem guiado no terreno da propaganda em prol da immigração de trabalhadores chinezes, e na qual acredito estarem em jogo os maiores interesses do meu paiz; a norma de conducta que adoptei, não arriscando uma só informação que não seja escudada pelo prestigio de conceituados escriptores e de viajantes notaveis e insuspeitos, tudo aconselha-me a affirmar sem vacillações que teem carradas de razão aquelles que accusam o immigrante chinez de não ter affecto á terra estrangeira.

Se eu quizesse tirar desse defeito os tons mais carregados de sombra, creio sinceramente que não faltariam bons argumentos. Mas, se realmente o chim traz de sua terra natal o firme proposito de para lá regressar, vivo ou morto, força é chegarmos a uma conclusão rigorosamente logica. Cahem então por terra e desapparecem como sombras as apprehensões dos que enxergam na immigração chineza a invasão da raça amarella, sua assimilação no Brazil.

Tratamos apenas, em relação ao Imperio do Meio, da immigração transitoria que venha restituir á agricultura exhausta os braços que a façam progredir e ás industrias nascentes o auxilio do operario intelligente; queremos o *trabalhador* e não o *colono*. Tanto melhor se elle, sendo de uma raça ainda peior do que a nossa, retira-se pago e satisfeito, findo o prazo do seu contracto.

¿ Parece a muitos odiosa essa immigração de capitaes, realizada pelo trabalhador asiatico, que, aliás, apenas leva para seu paiz natal o mesquinho salario nobremente, (deixem passar a merecida expressão) nobremente ganho no mais duro labor ?

Não creio haver quem possa affirmar sinceramente que nos fariam falta essas migalhas, recompensa do mais pesado e do mais proficuo trabalho nos cafezaes, sob um sol ardentissimo, na humidade das minas, no calor das fabricas. Seriam certamente verdadeiras migalhas, se compararmos o mesquinho salario do trabalhador chinez ás fortunas collossaes que constantemente emigram para a Europa, quer dos estrangeiros enriquecidos no commercio, quer de brasileiros que abandonam sua patria nos dias de tristeza, obedecendo alguns ao instincto egoista das ratazanas, que não permanecem em dispensa vazia.—E o que é mais penoso lembrar é que nem uns nem outros,—por gratidão ao menos,—se dão, nas suas quintas brasonadas de fresco e nos palacetes de «*parvenus*» da opulencia, ao incommodo de repellir, com um singelo e energico desmentido, as calumnias da imprensa européa a nosso respeito.

Na California, onde são muito elevados os salarios, o chim contenta-se com 24$000 por mez de salario agricola, e se trabalha nas minas percebe 30$000 mensaes, variando os contractos de dous a cinco annos. Se o trabalhador rural regressa para seu paiz levando tudo quanto ganhou, ainda assim a producção que o seu trabalho representa será sempre, pelo menos, cinco vezes maior.

Segundo tenho lido em diversos escriptores, o facto de não permanecerem constantemente os chins nos paizes estrangeiros justifica-se pelo culto dos antepassados, que constitue a base da vida moral da China, a propria honra da familia, culto affectuoso, cujo templo é o lar, onde, em epocha determinada, se reunem os membros da familia, para honrar os que já não existem, e prestar á sua memoria a homenagem de respeitoso reconhecimento.

Nas casas ricas, escreve o general Tcheng-Ki Tong, o templo dos antepassados é bastante vasto para se alojarem os parentes que

não habitam a mesma cidade. Encontram-se salas destinadas a servirem para a escola ; e como os templos são geralmente edificados no campo, servem algumas vezes de residencias de verão. Todas as alegrias da familia se passam em familia, quer dizer, no meio dos antepassados, queridos auzentes que não cahem no esquecimento.

A concupiscencia chineza constitue outro capitulo de accusação, sobre o qual desejo occupar o menor tempo possivel, pela escabrosidade do assumpto. Apenas submetterei ao criterio do leitores o seguinte trecho do livro *A China e os chins*, escripto pelo dr. Henrique Lisboa :

« A organisação da familia, em que impera um chefe geralmente ancião, o qual, se não è virtuoso, tem o amor proprio de apparental-o ; a reclusão em que vivem as mulheres, nunca apparecendo em publico e só assistindo, mesmo as festas de familia, escondidas atraz das grades, como as freiras nos seus locutorios ; a condemnação do celibato pela respeitada moral dos antigos philosophos ; a ambição que teem todos os chins, já antes dos vinte annos, de serem chefes de familia e a facilidade com que se podem casar, são outras tantas razões poderosas para que se não deva attribuir á raça chineza o logar proeminente e excepcional em que a pretendem collocar, naquelle vicio, os seus detractores. »

— E finalmente ironico, diz o publicista chinez na *Revista dos Dous Mundos* : «Permanecemos serios... Ah ! a expressão é violenta, convenho; mas, quem quer os fins deve empregar os meios,e se conservamos a felicidade na familia, é que supprimimos. . . as tentações. A alegria soffre um pouco mas os bons costumes se mantêm.

E demais, actualmente as viagens são tão faceis, — nós temos a Europa. . . »

E' força confessar que a pècha de improbidade é a que mais frequentemente lançamos no caracter chinez, sem nos lembrarmos que contendo aquelle vasto imperio a terça parte da população total do globo e composta de seis raças diversas, é sempre arriscado

affirmar que toda a nação chineza tenha alguns defeitos peculiares.

O que parece verdade é que os peccados contra o setimo mandamento são alli quasi privilegio dos mandarins e da mais baixa ralé — os dous extremos sociaes. — Incidiriamos no mesmo erro se julgando a sociedade brasileira pelas peiores amostras, lhe emprestassemos todos os defeitos do capadocio na Bahia, do capoeira no Rio de Janeiro, ou dos falsarios de Fernando Noronha.

Foi a *exactidão* chineza que estabeleceu a regra de se liquidarem alli todos os negocios e a execução de todos os contractos no principio de cada anno; é a *exactidão* chineza — chamemol-a a honra levada ao fanatismo, — que motiva o suicidio daquelle a quem para cumprir qualquer obrigação, nem valeu empenhar o cadaver do proprio pae. « Pode-se dizer, em fim, que a exactidão preside a todos os actos da vida daquelle povo, o qual, por ella inspirado, subordina mesmo o principio da moral real e positiva ao relativo ou ao adstricto a uma idéa exacta. »

A probidade pessoal! ... Cultivemol-a carinhosamente, a debil planta, que será a grande arvore, a cuja sombra abençoada têm de viver os que nos succederem; mas, não tenhamos receio que estióle e definhe pela absorpção do suor do trabalho dextro, intelligente e tenaz de uma nação laboriosa, que na justa expressão de um publicista, quando os Estados Unidos queimavam com o facho da guerra a ulcera de que lhes estavam apodrecendo os pès de colosso, lá estava já ás portas do oéste da grande republica.

VIII

Não julgaria concluida a primeira parte deste despretencioso trabalho, se havendo cumprido o dever de procurar limitar ás suas justas proporções os êrros e os infundados preconceitos espalhados geralmente sobre a raça chineza, apreciada em globo, eu não consagrasse um capitulo ao menos ás suas qualidades recommendaveis, principalmente como agricultor de primeira ordem e como operario industrial, sem competidor na pericia e na delicadeza de seus trabalhos admiraveis.

Para forrar-me ao trabalho de citações repetidas e ao incommodo de estensas transcripções de diversos escriptores, devo affirmar ainda uma vez que neste estudo não me deixo nem levar por inconveniente optimismo, descabido em questão de tamanha gravidade, nem me influenciar pelo gôsto do improviso, que seria a pedra mal ajustada no angulo do edificio, pondo-o a risco de se desmoronar.

Alem dos excellentes trabalhos dos nossos compatriotas Salvador de Mendonça, *Trabalhadores asiaticos* e Henrique Lisboa, *A China e os chins*, outros muitos escriptores me tem auxiliado a formar juizo,—tão desapaixonado quanto favoravel,—ao immigrante chinez.

Entre esses devo citar o general Tcheng Ki-Tong, addido á embaixada em Pariz, autor da precioza monographia *La Chine et les chinois*, publicada na Revista dos Dous Mundos, M. C. de Varigny,

L'Oceanie moderne, Alfred Jacobs, *Les chinois hors de la Chine*, M. Giquel, *La France en Chine*, Maurice Palealogue, *Sepultures chinoises*, G. Valbert, *La Chine et les chinois* e M. Cucheval —Clarigny, *Le declin de la puissance chinoise*, servindo me tambem de copiosa fonte de informações o prolongado debate que o projecto da missão a China provocou, em 1879, na Camara dos Deputados. e em que não foram poupados nem os elogios e nem as iujurias aos filhos do Celeste Imperio.

Naquelle immenso formigueiro humano o caracterisco de raça é o mesmo que distingue a formiga no reino animal·

Industriosos, economicos, sobrios, pacientes, infatigaveis sob os mais pesados labores, alimentando-se com um pouco de arroz, peixe salgado ou carne de porco, tomando o chà que estimula, em vez da aguardente que embrutece, os chinezes não estabelecem simplesmente a concurrencia; levam de vencida todos os outros trabalhadores.

Factor incomparavel no desenvolvimento das industrias e da agricultura dos paizes novos, a raça chineza, que parece suffocar dentro do circulo da politica asiatica e represa pelas suas muralhas infinitas, foi sempre a força providencial na California, na Australia, no Perú, no Chile, fazendo sempre avançar a onda de emigrantes humildes, pacientes, trabalhadores, economicos, vivendo de quasi nada, colhendo onde o branco já não acha o que respigar, refractaria a todas as influencias do clima. e do meio, qne tão poderosamente se reflectem sobre outras raças.

Conheceram-n'a perfeitamente os que dirigiam os trabalhos da grande linha férrea do Pacifico, onde o chinez soffria resignado as chuvas, as neves e a temperatura rigorosa das cordilheiras; é o mesmo nas ilhas Chinchas, sobre os rochedos sem sombra e sem agua, onde só elle póde supportar o pó, doentio e nocivo aos olhos, que se levanta dos depositos do guano.

« *John Chinaman*, como o chamavam na California os jornaes suspeitos, não largava a sua picareta de trabalho para responder a

injuria. Entretanto o humilde John era, entre todos os estrangeiros, o unico que pagava escrupulosamente o imposto de licença para minerar; era condescendente, conciliador, resignado quando a rapacidade dos brancos o expulsava do ponto que havia escolhido, e tendo a prudencia e cautela de nunca procurar as explorações ou jasidas mais ricas, que os outros mineiros haviam já escolhido para si.

Segundo confessavam os proprios americanos, o chim era pacifico, industrioso, caritativo com os seus compatriotas; nunca se entregando á embriaguez, dedicado a seus parentes e cheio de respeito para com a velhice que, no dizer delle, é a propria sabedoria.

Tudo quanto pedia era um logar, o menos espaçoso e o ultimo para trabalhar e viver, e depois regressar â terra de seus antepassados. E com effeito, voltava á China a maior parte, depois de haver ajuntado uma pequena somma, facto muito peculiar aos chins mineiros tanto na Australia, como na California e em Bornéo.

Nas outras regiões banhadas pelo Oceano Pacifico, os chins que se entregam ao commercio e principalmente os que se dedicam a lavoura esquecem mais facilmente o paiz natal. »

Quando o governo australiano tentou impedir a entrada dos immigrantes chinezes, apresentaram estes um memorial que motivou da parte da camara commercial da Melbourne a declaração de que não poderia votar uma lei prohibitiva contra os chins.

Desse documento, onde caminham de par em par a justeza de apreciação e a fina ironia que scintilla na imaginação chineza ,e que fôra escripto por um immigrante recem-chegado, transcrevo estas linhas, que têm applicacão ao nosso paiz:

« Enorme extensão de terras alem desta cidade ainda não está cultivada, e eu Quang-chew, orador que vos falla, homem cheio de humildade, mas de algum entendimento, estou certo de que um grande numero dos que tiveram a fortuna de achar o ouro, são hoje possuidores de uma grande porção do solo. A posse da terra faz as delicias do homem; é justo o orgulho de quem diz:—« Meus terrenos

minha casa, meu jardim, minha fazenda.» Mas, ainda estão incultas as terras e isto porque seus donos occupam-se mais da mineração e porque o numero de braços não está em relação com as necessidades da agricultura. »

Contrastando vivamente com os habitos de malandrice, de improbidade, de embriaguez e de descuido que tão tristemente caracterisam os libertos, vemos que na America do Norte impressiona a todos os propretarios e fabricantes, que empregam o operario chinez, o cuidado que este emprega nos seus utensilios e ferramentas, o aproveitamento intelligente da materia prima, a minuciosa utilisação dos restos e sobras, que muitas vezes constituem o unico lucro da industria na campanha da concurrencia. « Ningum conserva melhor a sua roupa; ninguem os excede em sobridade. São tão economicos do seu tempo, como do dinheiro. E' facto testemunhado que na California estão substituindo todas as creadas e creados brancos no serviço domestico; as donas de casa os reclamam como elemento de economia e boa ordem.

Que vivem com a quinta parte do que despende um trabalhador europeu é facil crer, desde que se considera qne no paiz donde procederam conseguiram viver com a oitava parte do salario medio que aqui recebem. »

A superioridade do chinez para o serviço domestico é sufficientimente demonstrada em suas cidades maritimas, onde as familias dos commerciantes europeus deixam de se utilisar dos serviços dos creados de seu proprio paiz, preferindo o criado chinez.

¿ E como se pode asseverar que os chinezes são dados ao latrocino e publicarem-se outras inverdades desse jaez ? Se é inconveniente confundir o chim e o *coolie*, maior inconveniente e injustiça é julgar a população chineza pela escoria infima que vive, como em seu elemento, nas praias immundas e pestilentes de Hong-Kong, de Cantão, de Shang Hai, havendo entre uma e outra tanta differença, como entre uma lebre das montanhas e uma barata do mar.

IX

De todos os paizes americanos que teem recebido o concurso, providencial ás vezes, do trabalhador asiatico, nenhum offerece campo tão vasto de estudo e de observação como a California. E' naquelle Estado, para onde affluio a immigração espontanea e livre, que se podem examinar minuciosamente as vantagens da immigração chineza e onde encontraremos tambem os melhores argumentos contra as objecções levantadas pelos adversarios da introducção da raça asiatica no Brazil.

Cumpre-me desde já evidenciar uma circumstancia importantissima, que não convem perder de vista : — O que attrahiu a San Francisco a immigração cantoneza foi a esperança na industria extractiva, a noticia das riquezas maravilhosas das *Montanhas de ouro*, minas inexgottaveis, cuja descoberta em toda a parte abala e seduz sempre todas as classes sociaes, com especialidadade a proletaria, que affiue aos bandos, menos, muito menos escolhidos do que a dos trabalhadores ruraes, que apenas podem contar, a principio, com o salario certo e previamente ajustado com o lavrador.

Comquanto tivessem os norte-americanos celebrado o seu primeiro convenio com o governo chinez em julho de 1844, somente cinco annos depois è que começaram os filhos do Celeste Imperio a desembarcar em San Francisco, chegando 300 immigrantes em 1849, 450 em 1850 e 2700 em 1851, descendo a menos da quinta parte os

algarismos das entradas em 1853, apezar de empregarem os armadores de Hong-Kong, de Cantão, e os capitães de navios diversos modos de propaganda, entre os quaes a distribuição dos mappas, cartazes e opusculos, onde as *Montanhas de ouro* eram desenhadas em varias côres, enviando agentes para o interior e adiantando os preços das passagens até San Francisco.

Nem com o emprego desses meios movia-se rapidamemte por sobre o Oceano Pacifico a *onda amarella*, tão desejada nessa epocha pelos norte-americanos, e que para muitos brazileiros é tão de receiar-se como a cholera. Foi então, conta o autor do livro *Trabalhadores asiaticos*, que algumas casas norte-americanas, de accordo com banqueiros chinezes, puzeram no serviço de transporte de immigrantes excellentes navios de vela, que se mantiveram na carreira, até que os poz quasi completamente de parte o estabelecimento da linha de vapores da Mala do Pacifico, subvencionada pelo governo dos Estados Unidos com mil contos de reis annuaes, e fazendo uma viagem mensal de San Francisco a Shanghai e Hong-Kong.

Ao contrario do que se dava no transporte de *coolies* recrutados para a ilha de Cuba e Perù, — e que será assumpto de um outro artigo, — não consta que houvesse um unico caso de motim nos navios de vela e nem nos paquetes da *Pacific Mail*.

As minas de ouro attrahiam um verdadeiro formigueiro de trabalhadores de toda a parte e a vinda de immigrantes chinezes era ainda relativamente diminuta. Segundo o mappa que foi publicado em 1876 com o relatorio da commissão do Congresso, no Estado de California entraram 3329 immigrantes chinezes em 1855, 4807 em 1856, 5924 em 1857, descendo o total das entradas a 2696 em 1864 e a 2242 em 1866.

A media das entradas no periodo que decorre de 1848 a 1876, —em 28 annos,—pouco excedeu de *oito mil* pessoas annualmente, sendo de *mais de tres mil* a média das sahidas no mesmo periodo.

Piamente acredito que do estudo da indole, pouco inclinada a emigrar, das populações ruraes na China, e do confronto desses

algarismos, que são de origem official, nascem effeitos oppostos em extremo.

— O mais irreconciliavel adversario da raça chineza, e que se deixa impressionar pelo receio da sua invasão em nosso paiz, ha de confessar que esse receio não tem o menor fundamento.

Não presenciou a California essa invasão chineza, quando a noticia das riquezas de suas minas attrahia vivamente os trabalhadores de todos os paizes; quando o governo subvencionava largamente a *Pacific Mail*, para conduzir os chins de Shanghai a San Francisco, custando a viagem em tempo e dinheiro a terça parte da que terão de fazer os immigrantes de qualquer porto da China ao Rio de Janeiro, e quando os commerciantes residentes em Cantão e outras cidades maritimas eram os mais interessados em avolumar-se a onda de trabalhdores na California.

Por outro lado, os que enxergam na vinda do immigrante chinez para o nosso paiz a unica solução pratica para os males que recrudescem de intensidade; os que sabem que, como disse em seu relatorio o actual ministro da fazenda, é de 500 mil saccas de café, dous milhões de arrobas, o calculo do que se perdeu o anno passado, por falta de trabalhadores na epocha da colheita; para os que entendem que a crise agricola tem de acarretar fatalmente a ruina deste paiz sem industrias; para esses a immigração chineza somente poderá ser em numero sufficiente para occorrer à falta de braços que se empreguem no serviço rural,—donde o liberto se evade naturalmente—, se da parte dos poderes publicos houver sincero desejo e energico esforço em auxilio da iniciativa particular.

E' vêzo nosso denominarmos de *politica chineza* a que pretende arremedar a tibieza e atrazo do imperio do Meio, sem nos lembrarmos que era tambem a politica chineza a que trancava o Amazonas ao commercio estrangeiro, sendo ainda mais genuinamente mongolica a que fechou os portos brasileiros á immigração de asiaticos, quando a lei aurea que libertou o escravo, havia tirado á agricultura o seu unico elemento da vida.

Tratando da immigração para a California, escrevia em 1876 o ministro americano em Pekin: « Os chins que emigram são na maior parte agricultores e operarios. São superiores ao commum de seus compatriotas, peculiarmente no que diz respeito ao espirito de empreza, à capacidade intellectual e á dextreza mechanica. Considero o Cantonez como a melhor parte da raça chineza e pelo menos superior ao das provincias do norte. »

Qual é a feição que distinguiu desde logo a colonia chineza, dil-o melhor do que eu tentaria fazel-o um publicista illustre :— « Os recem-chegados se distinguiram, desde que entraram nos Estados da California, por um espirito de ordem e uma persistencia em sua nacionalidade realmente notaveis. Em meio da Babel, onde os homens vinham de todas as partes do mundo misturar seus habitos e seus sentimentos, os chinezes permaneciam sempre filhos do Celeste Imperio, conservando sua physionomia particular; em cousa nenhuma procuravam romper o isolamento a que os obrigavam seus usos e linguagem, organisando entre si o trabalho, recreando-se entre si, sobrios pacientes, economicos, satisfeitos com o mais infimo resultado, não recuando diante de nenhum trabalho, e fazendo lembrar por suas qualidades de paciencia e de dedicação ao serviço esses maltezes, e auvernhezes, que em diversos paizes monopolisaram os trabalhos mais rudes e os mais ingratos. »

X

San Francisco, a opulenta capital do estado de New-York, tendo actualmente uma população que deve orçar em 300.000 almas, era ha quarenta e dous annos uma pobre aldeia a beira-mar, quando desembarcaram os primeiros immigrantes chinezes.

O extraordinario desenvolvimento da povoação, que se transformava quasi de improviso em rainha do Oceano Pacifico, offereceu ensejo a que os chins dessem, logo em principio, uma prova de seu esforço no trabalho e de sua intelligencia. O monumento mais notavel de sua aptidão nessa epocha, escreve o sr. Salvador de Mendonça, é o vasto e formoso par de edificios de pedra, sob um só tecto, e com tres andares, que tem sido geralmente occupado por instituições bancarias, e que ainda hoje levanta-se em Montgomery, a rua mais commercial de San Francisco.

Esse par de edificios é todo de granito, em estylo architectonico muito semelhante ao norte-americano, e cujas pedras foram uma por uma cortadas e postas nos seus logares sem cimento na provincia de Cantão ; feito isto, foi o todo desmanchado, posto a bordo com o pessoal de operarios que o devia erigir deste lado do Oceano, e effectivamente erecto em 1852, com inteira satisfação da firma que o encommendára. Custaram os dois edificios 234:000$ e apenas assentados alugaram-se por 72 contos annuaes.

Era impossivel evitar-se o choque de interesses entre o traba-

lhador asiatico, pequeno, agil, perseverante, resignado e de intelligencia vivissima, e os immigrantes europeus que as centenas de milhares desembarcavam nos portos do Atlantico.

E' assim que, entre outros, o trabalhador irlandez sentiu-se, desde o primeiro confronto, muito inferior ao chim, porque era menos dextro do que este no trabalho de machinas, menos sobrio e principalmente porque era muito mais caro. De 128 testemunhas que depuzeram perante a commissão do Congresso norte-americano, «todas quantas empregavam trabalhadores chinezes reputaram-n'os *pelo menos* iguaes aos brancos e a maioria lhes dava decidida preferencia.»

Originarios das provincias meridionaes do Imperio, diz C. de Varigny, elles resistem perfeitamente ao clima quente que paralysa a energia dos brancos.

Nos districtos das minas os chins encarregam-se dos trabalhos pesados; os engenheiros não os podem dispensar, e os irlandezes que pedem a expulsão dos chins não estão habilitados a substituil-os, ao preço de um salario duas e tres vezes maior. A raça anglo-saxonia exigente e insaciavel, de intelligencia fria e de concepção audaz, convenceu-se de que esses trabalhadores asiaticos são necessarios, que supportam todos os climas e que representam a mão d'obra a baixo preço, sem o qual são impossiveis certos trabalhos. Certamente os inglezes, os escossezes são bons trabalhadores, altos, robustos e frios; mas, são tambem grandes consumidores; conscientes do seu valor intellectual nasceram para mandar e não para executar trabalhos servis. São a cabeça que pensa, o chim é o braço que executa. Um só delles é bastante para dirigir uma turma desses trabalhadores asiaticos, sem cujo concurso o ouro custaria tanto para extrahir, quanto vale em Londres. Um chim contenta-se com o salario de 30 francos mensaes; pagam-se 8 francos por dia a um trabalhador europeu.»

(*L'Oceanie Moderne*, *Revue des Deux Mondes*, 15 de agosto de 1887.)

Ao passo que os Estados Unidos recebiam pelo Pacifico 250 mil

chins no espaço de 30 annos, nesse mesmo periodo, no porto de New-York desembarcaram oito milhões e duzentos mil immigrangrantes europeus, activos, ambiciosos... e eleitores. Se a politica americana e só ella trancou os portos da grande republica á immigração chineza, cujo algarismo das entradas *em* 30 *annos* foi menor do que a dos europeus em *seis mezes;* se o interesse eleitoral conseguiu essa indigna victoria, não devemos extranhar o sacrificio de uma raça humilde, pacifica e operosa. A politica, a mesma em todos os paizes e sob todos os governos, é uma entidade abstracta, incorporea, que não pode corar dos actos indignos que pratica e nem sentir pungir-lhe o remorso das injustiças que faz aos fracos.

Informa o autor da monographia a *China e os chins*, que os immigrantes asiaticos começaram na California pelos trabalhos de mineração; depois, e naturalmnnte impellidos pela avalanche européa, foram tambem se occupando no serviço domestico, empregando-se como cosinheiros, lavandeiros e copeiros, vindo mais tarde os lavradores, os operarios de fabricas, os trabalhadores de estradas de ferro.

Avultando a immigração, foram naturalmente os chins procurando o commercio, estabelecendo em San Francisco agencias das casas commerciaes de Cantão e Hong-Kong; vieram medicos, boticarios, carniceiros, alfaiates, sapateiros e operarios de outras industrias.

A maioria dos membros da commissão de inquerito do Congresso, mandada a California em 1876 era contraria a immigração asiatica; mas, por isso mesmo teem ainda mais valor as provas que recolheu a favor della. Consta do seu relatorio que só no que diz respeito a estradas de ferro e preparo de terrenos alagadiços para a cultura do trigo, o trabalho chinez tinha augmentado o valor deste Estado em 289 milhões e setecentos mil dollars, ou quasi um milhão e duzentos mil contos de nossa moeda! Mais de um milhão de geiras de terras inutilisadas, que teriam até hoje permanecido incultas, foram por elle beneficiadas e entregues á lavoura!

Não desejo, porem, neste artigo demonstrar o incremento

que o trabalhador chinez trouxe à agricultura, á industria extractiva e á abertura das estradas de ferro na California, porque essa parte constitue assumpto interessantissimo e digno de maior desenvolvimento em artigos posteriores.

E' em San Francisco, no bairro chinez, em «China Town,» que os adversarios procuram esmiuçar os defeitos da raça asiatica.

Alli os encontrarão, de certo; mas, nem mais asquerosos, nem mais horripilantes do que se veem nos quarteirões de Londres,onde se agglomeram os indigentes, os larapios, todas as fèzes da população, disputando aos cães o alimento achado nos montões de lixo, e escolhendo tristemente no cêsto dos trapeiros um farrapo para cobrir a nudez.

« *China Town*, diz A. Tissandier em um livro publicado este anno, está situada no centro da cidade de San Francisco. possuindo uma grande rua principal do mais risonho aspecto e realmente alegre. Orlada de lojas armadas á chineza, dir-se-hia uma perpetua feira. Os negociantes de fogos de artificio, os joalheiros, relojoeiros, mercadores de fructas, as casas de fazendas rivalisam entre si qual tem as vitrines mais limpas e brilhantes, e que são ornadas de annuncios chinezes de cores vivas e de lanternas multicores. Em meio de tudo isto, uma verdadeira multidão de chins, trajando com rigoroso asseio a tunica de seda negra, o barrete occultando o craneo raspado. Entro nos armazens, nos cafés, onde os chins fumam opio, nas viellas onde habitam os mais pobres, sem sentir a menor repugnancia e nem desgosto. »

Não desejo concluir este artigo estabelecendo um confronto desfavoravel entre as ruas de *China Town*, que um parisiense percorre sem encontrar motivo de repugnancia, e as ruas das nossas povoações, inclusive os cortiços do Rio de Janeiro, quando as habitam as classes mais indigentes. . .

E' dever dos infensos á introducção da raça chineza no Brasil abandonarem de vez esses pequenos argumentos, tão prejudiciaes a solução da questão, que tanto interessa o presente e o futuro deste vasto paiz.

XI

Os immigrantes chinezes, que os navios de vela e os grandes paquetes da *Pacific-mail* transportavam de Cantão a San Francisco, em vez de se constituirem em grupos de vagabundos, de larapios, ou de se dedicarem á infinidade de pequenas industrias que ha nos grandes centros commerciaes, internavam-se no Estado da California, em procura de trabalho nas minas, nas estradas de ferro e nos estabelecimentos agricolas.

Lastimo que a deficiencia de dados recentes de estatistica me não consinta fazer uma demonstração menos incompleta do desenvolvimento e da producção desses tres ramos da riqueza daquelle Estado, pelo contingente valioso dos trabalhadores asiaticos. Embora de subido merito, as obras escriptas pelos nossos compatriotas Henrique Lisboa e Salvador de Mendonça resentem-se, na actualidade, do defeito natural de não conterem estatisticas commerciaes relativas a estes ultimos annos.

O regosijo publico com que foram recebidos os primeiros chins que iam trabalhar nas sombrias galerias das *Montanhas do ouro*, o interesse que despertava nos outros mineiros, vindos de todos os pontos, a originalidade dos costumes e do vestuario dos recem-chegados, todos os sentimentos de sympathia foram aos poucos substituidos por outro, que não sei denominar se rancôr, se inveja.

« Quando se reconheceu que os industriosos mineiros chinezes prejudicavam aos brancos, porque preferiam trabalhar, ao passo que os outros queriam para logo gosar os bens da fortuna facilmente ganhos ; quando se viu que se contentavam com salario menor do que os outros mineiros, e não aprendiam facilmente a lingua do paiz, nem se misturavam com a população branca, cujos prazeres e divertimentos,—quasi sempre mais proprios de gente barbara que de povo civilisado,—pareciam evitar, começou então a voltar-se contra elles o sentimento geral.

« O proprio modo muito racional com que os chins se organisaram em companhias para habitarem em commum, creando verdadeiras associações cooperativas, tornou-se motivo de panico, que nos superintendentes e empregados dessas companhias, eleitos pelos immigrantes e seus propostos, enxergou ricos capitalistas, que em vez de assalariados,—que effectivamonte eram das varias communhões,—passaram para logo por terem importado os membros dellas,dos quaes se dizia disporem como se foram escravos. (*Trabalhadores asiaticos*, pags. 164).

Ainda vinte annos depois, em 1876, quando se procedeu ao inquerito ordenado pelo congresso Federal, affirmavam alguns ser verdade essa estupida calumnia, levantada pela mais ignobil inveja, que o procedimento correcto dos chinezes causava no animo dos outros trabalhadores das minas, de ordinario desordeiros e dominados pelo vicio que o asiatico não tem : o da embriaguez.

O que é rigorosamente exacto é que a immigração chineza para o Estado da California foi tão livre e tão espontanea, quanto eu a desejaria para Minas.

«Um vendeu a sua officina ; outro deixou a casa da roça em que nasceu e em que antes delle viveram os paes, com a esperança de voltar com dinheiro bastante para pagar o que devia ou accrescentar á sua cultura alguma geira mais de terra ou dar ao filho boa educação; o terceiro foi ajudado, se foi infeliz em negocios, pela contribuição de alguns parentes ; o quarto arranjou dinheiro emprestado com alto juro, pagavel na volta.»

Foi a noticia da descoberta das *Montanhas de Ouro*, que abriu caminho á immigração chineza para California, do mesmo modo que a *arvore de ouro*, o cafeeiro das terras roxas é o que attrahe ao centro do Estado de S. Paulo a immigração rural italiana.

No meio da malquerença que augmentava-se contra o immigrante asiatico, este resignadamente proseguia na senda do trabalho tenaz, da economia extrema, e da humildade de quem sabia que não lhe caberia jamais na America o dia da justiça.

Em 1861 já se elevavam a *vinte e oito mil contos de reis* os impostos pagos pelos chins ou pelos objectos da sua producção e do seu consumo. De 2783 sentenças proferidas em S. Francisco, somente 168 couberam aos chins, sendo muito de notar-se que tres quartas partes dos delinquentes dessa raça eram mulheres de mà vida.

Ainda hoje, nas proximidades de Nevada City e de Milton, veem-se os miseros chinezes explorando exhaustas riquezas mineraes no veio dos regatos, semelhando, diz um viajante, espectros errantes, curvados sobre a areia, queimados pelo sol, naquelle trabalho horrivel para qualquer outro homem, e onde só o chim poderia mostrar a resignação necessaria para supportar aquella situação penosissima, mal recompensada e cheia de privações.

Em qualquer livro de viagens aos Estados Unidos encontra-se a informação, rigorosamente exacta, de ser o immigrante chinez um trabalhador sem rival no mundo para o serviço da construcção das estradas de ferro,

E para aquilatar merecidamente essa importantissima qualidade do trabalhador asiatico, devemos nos collocar no verdadeiro ponto de vista que nos vae destinando a sorte : — vendo completamente desorganisado esse serviço no paiz, duplicado o custo kilometrico das estradas appellando as companhias para revisão de suas tarifas, a infiltração no espirito,—geralmente credulo e inculto dos trabalhadores,—das extemporaneas theorias socialistas, impor-

tadas dos *cabarets* parisienses e,—o que é ainda mais doloso confessar-se,—a obliteração dos mais comesinhos principios de exactidão, a improbidade creando tantos braços e tantas unhas,que a confiança publica, fatigada de reclamar contra os abusos e os crimes contra a propriedade, já se vae resignando, na forma do costume.

Diz o sr. Salvador de Mendonça que os directores da estrada de ferro central do Pacifico declararam que a não teriam emprehendido sem o auxilio do braço chinez.

Esta ferro via, que estende do *Salt Lake* a Sacramento, é quasi toda no meio de montanhas, com grandes córtes e numerosos tunneis. O do alto da Serra Nevada, a sete mil pés acima do nivel do mar, tem o comprimento de 1600 pés. O tunel de Emigrant Gap tem 350 pés de comprido, sendo todos bastaute amplos para a via dupla. Um engenheiro competente expôz que para este trabalho arduo e pesado, de perfuração de rochas na maior parte, que requer paciencia e cuidado, nenhum operario é melhor do que o chinez.

Autoridade da mais alta competencia no assumpto, o sr. Pedro D. G. Paes Leme escreveu estas linhas em outubro de 1877 :

« Tendo tido a fortuna de ver de perto, no Estado da California, o chim, o famoso chim constructor da *Union* e da *Central Pacific rail road*, seja-nos permittido dizer o que vimos e a impressão que experimentamos observando esses homens e o seu trabalho.

Talvez possam estas informações aproveitar aos nossos collegas agricultores e é para elles especialmente que escrevemos.

« Passadas as montanhas Rochosas, só se encontram trabalhadores chins na linha ferrea; e nos grandes aterros que substituem os gigantescos viaductos emprega-se consideravel numero de operarios de todas as cathegorias. A' excepção dos feitores, que são americanos, todo o pessoal pertence à raça mongolica, que trabalha admiravelmente. Nos hoteis de primeira ordem são os chins que se encarregam do asseio dos mesmos.

« Nos campos da California ha cem mil chins ! Todo o trabalho

rural é feito por jovens intelligentes, robustos, sobrios e economicos O asseio dos seus vestidos prende a attenção do viajante.

« E accrescento:—E' o elemento chim que predomina nos bellissimos campos da California, Estado que, apenas com 600.000 habitantes, exportou no anno ultimo 160 mil contos e onde a *média* produzida por trabalhador rural excede a dous contos de rêis annualmente. »

Quanto mais estudo este momentoso assumpto,—a que tenho consagrado ultimamente o meu esforço sincero,—mais me convenço da necessidade que temos de encarar a questão com o interesse de que é digna.

Em que pèse aos infensos á immigração asiatica e sem o menor vislumbre de offensa a opiniões contrarias,—em todo o caso sempre dignas de respeito,—eu animo-me a dizer convictamente que a meus olhos o Imperio Chinez é como um explendido livro que poucos leem e que muitos criticam.

XII

Ha mais de meio seculo escrevia o sisudo autor das *Cartas da India e da China* as seguintes linhas, sobre o adiantamento da agricultura no Imperio do Meio:

« O bom resultado de sua economia rural provem do seu caracter laborioso; a sua constituição physica exige pouco descanço.. Demais, todos os dias do anno são empregados utilmente, só ha dois perdidos em devoções :—o primeiro dia do anno, destinado a vizitas de familia e o ultimo,consagrado á memoria dos antepassados.

Este é reputado culto domestico, aquelle um dever de sociedade. Tudo quanto une e civilisa os homens é religioso entre os chinezes. O preceito essencial de sua religião consiste na pratica das virtudes sociaes.

« O culto interior é o amor de seus paes, vivos ou mortos ; o exterior reduz-se no amor do trabalho ; reputam a cultura do solo pelo mais nobre e honroso. Não ha paiz onde a cultura da terra seja mais apreciada.»

José Ignacio de Andrade, autor daquelle livro, era um viajante erudito e serio ; não admira, porém, que fosse considerado um visionario pela maioria dos seus contemporaneos, incredulos ás informações minuciosas sobre os costumes dos filhos do Celeste Imperio Tambem Marco Polo era um visionario aos olhos dos venesianos, e Christovam Colombo um sonhador aos olhos dos genovezes.

¿ E' lá possivel que o trabalhador asiatico seja morigerado, sobrio, caridoso, e o mais apropriado para vencer os obstaculos que fariam esmorecer um saxonio robusto, sob o clima inclemente da Serra Nevada, sob o sol de fogo do isthmo de Paraná, ou nas galerias subterraneas das minas da California ?...

Ha quem acredite piamente que seja um amontoado de inverdades o que diz do « asqueroso chim ? »

Não é crença geral ser o asiatico um compendio de vicios, libidinoso como um simio, ladrão como a raposa, estupido como a toupeira, covarde como um gato ?

Não diz «todo o mundo» que o chim é um perigo, como elemento pernicioso á pureza da nossa raça ; que a California ficou completamente outra pelo cruzamento do sangue anglo-saxonico com a lympha malaia ; que o governo norte-americano acaba de fechar os portos á immigração chineza, receioso de ver *inundado* o territorio da republica pela raça abjecta ?-,.

E pelo menos o que se diz, o que se acredita, o que se affirma com o endosso da crendice popular.

— Traga, porêm, as divagações e examinemos o desenvolvimento agricola e commercial do Estado da California, que tem sido na America o grande campo aberto á actividade chineza.

« E' nessa região uberrima que existem as colossaes *sequioa gigantea*, as maiores arvores conhecidas.

Os comboios repletos de viajantes atravessam enormes plantações admiravelmente tratadas ; em todas as estações, muito proximas entre si, veem-se grandes armazens destinados as cargas de exportação.

Os lavradores das visinhanças conduzem grandes caminhões, carregados de saccos de trigo,e puxados por seis cavallos ou mulas, sendo frequentemente reunidos aos tres esses vehiculos,por meio de uma forte corrente, que os engata. As estações se succedem, Blacks, Germantown, Tehama, etc. sempre no meio de luxuriantes plantações »

Em relação ao valor do trabalhador rural chinez e aos serviços que prestou ao desenvolvimento agricola do Estado da California, principalmente, serve de copiosa fonte de informações a monographia *Trabalhadores asiaticos*, que além de ser elaborada por um primoroso escriptor, tem de mais a grande vantagem de basear-se sempre em documentos officiaes. Quando a publicou, era o sr. Salvador de Mendonça nosso consul em Baltimore, escrevendo-a, por assim dizer, no theatro dos acontecimentos.

No inquerito a que procedeu a commissão do Congresso americano, uma testemunha provou que sem o auxilio dos chins attrahindo o commercio e a vida industrial, a população da California não seria mais do que a metade da existente em 1876.

« Não é exagerado, accrescenta o sr. Welis Williams, avaliar os beneficios do trabalho chinez na California em 400 milhões de dollars, (cerca de um milhão e duzentos mil contos de nossa moeda). *E é assim que nos estamos arruinando com o trabalho chinez barato !...*

No cultivo dos cereaes, diz o sr. S. Mendonça, os lavradores, graças a esses immigrantes, teem conseguido transformar a California em Estado productor e exportador, de mero consumidor que era. As colheitas de trigo são agora pecuniariamente mais valiosas para o Estado do que as do ouro : a média dos ultimos annos tem orçado por vinte milhões de dollars. As suas minas quasi exhaustas teriam visto desapparecer a população, que só ellas attrahiram, em demanda das jazidas depois descobertas, se o desenvolvimento de outras industrias e o beneficiamento das terras pelos chins não a tivessem prendido ao solo.

O paciente asiatico tem mudado campos aridos em ricas pastagens, onde hoje ha vastos estabelecimentos de creação de gado ; tem aberto, aterrado, preparado e amanhado extensas áreas pantanosas, de sorte que milhares de geiras de terra improductiva e insalubre cobrem-se hoje de ricas seáras. Novas culturas se teem introduzido : — a do lupulo, por exemplo, começa a dar resultado.

A exportação de fructas augmenta cada anno e vem abastecer não só os mercados de léste, como atravessa o Atlantico e vae achar consumo na Europa. O cultivo do bicho de seda e o plantio da amoreira teem nestes ultimos annos tomado tamanho incremento nos condados centraes e meridionaes do Estado, que não está longe o tempo em que a costa norte americana do Pacifico supplantando nesse ramo de industria a França e a Italia, só será inferior em pro-

ducção serica ao berço desse producto, a China.

Outra tentativa que o trabalho chinez tem auxiliado é a da vinicultura ; os vinhos da California começam a achar mercado fóra dos Estados Unidos, principalmente os espumantes. »

Segundo se vê no quadro da vinicultura na America do Norte, publicado por J. Challey no *Economiste français*, de 18 de abril de 1891, o Estado da California possuia jà nessa epocha 155.272 acres de terra occupados por vinhedos, que produziam, e 45.272 acres de vinhas novas, tendo-se vendido a enorme quantidade de 38.785 toneladas de uvas para mesa, ao preço medio de 50 dollars. O acre corresponde, como se sabe, a 40 1|2 ares.

O espaço occupado na California pelas plantações de vinhas, é já quasi sete vezes maior do que o territorio cultivado no Estado do Ohio, e maior do que a metade de « todo terreno » plantado de vinhedos do territorio da republica norte-americana.

— Igualmente extraordinario é o valor do commercio dos vinhos da California, que foi em 1890, segundo estatisticas officiaes, de 14,626,000 galões, correspondendo cada um a 4 1|2 litros, sendo de 86 *milhões e* 360 *mil dollars* o valor total das plantações e dos utensilios para o fabrico de vinhos, em cuja industria estão empregadas 100.422 pessoas !

Em 1889, diz o economista Arthur Raffalovich, o Estado da California produziu a decima parte do trigo exportado pelos portos americanos.

Naquelle Estado, onde hoje o agricultor queixa-se do excesso de producção, que acarretou consideravel baixa de preços dos productos agricolas, a taxa do juro desce igualmente, sendo hoje menor do que na propria Allemanha.

E' difficil, senão impossivel, avaliar se o que esse espantoso desenvolvimento da riqueza publica, do commercio, da agricultura deve ao humilde trabalhador asiatico,que recebia o mesquinho salario e que vivia resignado a seu obscuro papel, no meio social onde vivia para o trabalho e do trabalho.

— Narraremos agora o modo como lhe recompensou a *alta* politica, instigada pela pequena cabala.

XIII

A lucta pela existencia, naturalmente mais tenaz e encarniçada na America do Norte do que nos paizes neo-latinos, assumiu em relação aos chinezes immigrados na California o aspecto de perseguição odienta, de prepotencia injusta, acirrando cada vez mais a mentira, a calumnia contra os humildes e laboriosos operarios asiaticos, attrahidos ás terras americanas a sombra de tratados solemnes, obtidos, talvez, por meio de zumbaias e de genuflexões ao Imperador da China, consoante a pragmatica e o ceremonial para audiencia de embaixadores.

A grande onda de immigrantes anglo-saxonios, que se dirigia incessante aos portos do litoral do Atlantico, avolumava-se cada vez mais. Centenas de milhares de inglezes, allemães, irlandezes, desembarcados no porto de New-York, dirigiam-se açodados ás regiões do *Far West*, de cujo solo iam brotar, como por encanto, verdadeiras cidades, onde dentro em pouco se encontrariam todos os principaes melhoramentos, inventados pela civilisação moderna.

Ao chegar ao Estado da California, attrahido pela noticia da descoberta das minas de ouro, o immigrante foi topar n'um obstaculo mais serio do que o seu robusto machado de *Settler* e a sua picarêta de cavador de estrada de ferro havia destruido.

Ao porto de San Francisco chegavam tambem os trabalhadores asiaticos, que reappareciam pela segunda vez na America, após um intervallo de milhares de annos.

Como tive occasião de relatar em outro artigo, a principio causou agradavel impressão aos europeus o contraste que offereciam os immigrantes chinezes, seu vestuario, a sua linguagem monosyllabica, tendo alguma cousa do chilrar dos passarinhos, a irreprehensivel conducta com os seus iguaes e com os seus superiores.

Não faltaram em pouco tempo motivos para a hostilidade açulada pelos irlandezes principalmente, para os quaes o chim era o concurrente, que convinha inutilisar a todo transe. Entregue o anno inteiro ao seu duro labor, porque a religião bhudista somente santifica dous dias; cavando rijo a terra, emquanto o seu encarniçado adversario ia embriagar-se na taverna e gastar o ultimo penny no ultimo copo de *gin*; sóbrio e deshabituado ao uzo de bebidas alcoolicas, vivendo parcamente; fundando entre os seus compatriotas sóciedades cooperativas, contentando-se com o terço do salario exigido pelo operario europeu, o immigrante chinez, entregue exclusivamente ao seu fito: trabalhar muito, poupar muito e regressar à terra natal, vivia na California vida aparte, tendo a existencia laboriosa, unida e humilde das formigas.

— Recrudesceu a guerra porque o irlandez cada vez sentia-se menos dextro, menos sóbrio, menos forte contra a extraordinaria pericia e infatigavel tenacidade do asiatico. Empregou então a arma do interesse eleitoral, tornou-se o mandante do que era o *politician* o inteligente mandatario. Compunham os irlandezes em certo tempo cerca de 55% do eleitorado naquelle paiz da igual dade, onde *somente* o chim não tinha o direito de voto.

O *politician* é a parodia do verdadeiro politico, como o crendeiro é a parodia do verdadeiro crente,

Um eminente critico francez, fazendo a critica da obra escripta recentemente por Frans de Holtsendorf sob o titulo *Principios politicos, introdução ao estudo do direito publico*, põe em relevo o typo do *politician*, o mesmo em todos os paizes o empreiteiro de eleições, a praga que na America desenvolve-se ainda mais desafogadamente.

« Pode-se definir o *politician* n'uma só phrase, com dizer que

para elle a politica não é uma sciencia, nem uma arte, e sim um officio. Honestamente ou não, vive disso, desse meio de vida que lhe parece o mais lucrativo e glorioso. Tem sempre em vista os cabos eleitoraes, que o elegeram e aquelles que mais corteja são exactamente os mais exigentes, pelo motivo muito simples que a sem— razão grita e gesticula, ao passo que a razão é modesta e silenciosa às vezes.

O *politician* deixa aos ministros a responsabilidade, e lhes tira o poder. Em consequencia desse originalissimo accôrdo, o que responde por tudo nada pode, e o que não responde por cousa alguma tudo pode. E' o paraiso dos irresponsaveis. »

Do grupo dos *politicians*, os perversos são os que entendem que quanto mais pôdre é a arvore, mais facilmente acham as parasitas commodidade para se desenvolverem, e mais abundante nutrição. E na America do Norte onde a politica não é positivamente a *profissão* preferida pela melhor gente, a arvore carcomida presta-se admiravelmente ao desenvolvimento da planta vivaz e damninha.

O *politician* foi o cão açulado contra o chim pelo immigrante europeu, vencido na lucta do trabalho, humilhado pelo contraste entre sua robustez physica e a apparente debilidade muscular do immigrante asiatico.

Deixo com pezar de transcrever uma parte consideravel do proferido discurso na Camara dos Deputados, na sessão de 7 de maio de 1884, por um mineiro illustre, portador de um nome que symbolisa uma das mais puras litterarias e parlamentares da mocidade contemporanea neste paiz, o dr. Affonso Celso. Salientarei apenas um outro trecho mais attinente ao assumpto.

—«Acontece, sr. Presidente, que são hoje os estrangeiros, principalmente irlandezes e allemães, os que dão as cartas nas campanhas eleitoraes, dispondo de extensa influencia. Trazem do velho mundo as idéas politicas mais accesas; e, encontrando largo campo para exercer a sua actividade de homens publicos, contida na Europa, principiam por alistar-se entre os *politicians*,

«Ora, são esses exactamente os que não podem supportar a concurrencia do chim, cujo trabalho muito mais barato do que o delles, torna-se geralmente preferido.

«Possuindo os primeiros, como ficou dito, a prepotencia politica, claro está que hão de usar della para por á margem os seus competidores.

« Os deputados ao congresso não podem, sob pena de suicidio politico,proceder de modo diverso dos seus eleitores.Explica-se desta maneira a votação de severas leis tendentes a extinguir a immigração dos chins, ao passo que na California, em San Francisco, sobretudo, onde a população mongolica parece superior á caucasica, não ha quem os não proclame eximios e incomparaveis trabalhadores. Alli exercem elles uma infinidade de industrias a contento geral,sendo-lhe o povo grato pelos immensos serviços que teem prestado ao Estado, como a construcção da estrada de ferro qne une New York ao Pacifico, a qual sem o auxilio delles, ainda hoje estaria em projecto.

« O sr. *Escragnolle Taunay* dá um aparte.

« O sr. *Affonso Celso Junior*: Essa observação do meu nobre collega vem corroborar exactamente o que levo dito.

« Por uma anomalia das livres leis americanas,o chim não pode lá conquistar o direito do voto, sendo, portanto,nulla a sua influencia eleitoral. Por isso os politicos dão ouvidos de preferencia aos seus competidores, dos quaes se acham dependentes.

«A superioridade do trabalho chinez se evidencia do facto mesmo de supplantar sempre o europeu ou americano,quando posto em circumstancias iguaes. Pensam pelo menos assim homens eminentes da California, com os quaes me procurei instruir.

« Affirmo que a guerra movida contra os chins nos Estados Unidos deriva-se inteiramente dos interesses feridos dos *politicians*, sem achar echo na parte criteriosa do paiz, que a não acceita de forma alguma.»

E' de ver que o immigrante asiatico, a quem se negava o direito de voto, extranho muitas vezes á lingua do paiz, não tendo fortuna que prodigalisar na compra de votos, nas manifestações eleitoraes alimentadas a vinho e a cerveja, sem geito, vocação e tempo para politicar, não podia absolutamente offerecer resistencia à campanha da difamação, á guerra por interesse.

« E assim diz o autor da monographia *A China* e *os chins*, chegou a obter importantes victorias n'um paiz livre a causa de uma fracção de estrangeiros contra as leis naturaes, contra os principios de justiça e contra o proprio interesse geral, como bem o demonstraram os protestos do commercio, das companhias de estradas de ferro e minas, e de muitas outras industrias, que tinham encontrado no trabalho chinez a solução do difficil problema da mão de obra barata e perfeita.»

—«Quando este anno o congresso votou a favor do projecto de lei que limitava a immigração chineza ao ponto de quasi extinguil-a, a reacção do bom senso demonstrou-se nas representações que dirigiram ao Presidente da republica as assembléas legislativas de varios Estados, varias universidades, associações religiosas e praças de commercio. Dentre estas ultimas o *Produce Exchange*, uma das secções mais respeitaveis da Praça do Commercio de New York, pediu o veto presidencial, primeiro pòrque o projecto de lei era a violação de um tratado solemne com a China e os tratados são a palavra de honra das nações, e depois porque o trabalho chinez era um dos beneficios incontestaveis de que a nação começava a gozar. (*Trabalhadores asiaticos*, pags. 215).

Triumphou finalmente a causa da prepotencia ; ainda uma vez praticava-se um verdadeiro attentado contra uma nação pacifica, rasgando-se os tratados que esta não havia solicitado e aos quaes annuira a contra-gosto. E mais uma vez, na phrase de Victor Hugo, a causa da liberdade e da justiça foi sacrificada aos interesses dessa prostituta denominada a razão do Estado.

XIV

Deixaria de bom grado a tarefa penosissima de relatar os tristes episodios que assignalaram com uma cruz negra a historia da immigração de asiaticos na republica do Perù, e na formosa ilha de Cuba, se não constituisse esse deploravel capitulo o maior elemento de descredito do trabalhador chinez em nosso paiz, chegando a produzir no animo de muitos compatriotas nossos um sentimento de repugnancia tão viva, que não raro semelha antigo odio de raça.

Quando em 1879 se travou renhido debate no Parlamento, a proposito da missão brazileira à China, era essa a nota dominante que feriam os fogosos oradores, infensos ao projecto, esquecidos de que em nenhum paiz do mundo, ainda o mais barbaro, o supplicio deshumano das victimas pode constituir um argumento contra estas, nem titulo de sympathia ao algoz que as tortura.

E, na phrase de um escriptor, a introducção de *coolies* no Estado peruano, verdadeiro trafico da raça amarella, foi de natureza a fazer corar de pejo as nações civilisadas, do seio das quaes sahiram entes capazes de perpetr ar tamanho crime.

Ainda existia a escravidão no Perú, quando aportaram alli as primeiras levas de *coolies*, vindos,—não de Cantão, donde sahiram *todos* os immigrados na California, livremente,—e sim exclusivamente do porto de Macáo, possessão portugueza, cidade decadente

de sua antiga grandeza, onde as classes mais abastadas vivem entregues ao vicio do jogo, que a transformou em Monaco rebentada, e onde a população mais pobre sente nos costumes e na moral os estragos produzidos por elementos tão dissolventes.

Aos vastos barracões edificados em Macáo traziam os correctores dos agentes peruanos as illudidas victimas do trafico amarello; uns, vendidos pelos mandarins, e resignados a um captiveiro que os livrava das torturas e das bastonadas ; outros, assassinos e ladrões, que as autoridades soltavam das cadeias,esvasiando-as pela immigração dos detentos ; outros, a ralé infima, todos miseraveis, completamente illudidos muitos, profundamente infelizes todos.

Eis como um illustrado jornalista escrevia no *Correio Paulistano* de 23 de outubro de 1883 as suas impressões pessoaes nas fazendas do Perú :—

« A escoria dos portos da China, a gentalha para quem não havia espaço nas prisões, as equipagens de embarcações de piratas eram contractadas em massa e enganadas quasi sempre para virem ao Perù. Atirados ao porão de navios de pequenas dimensões, os chins tinham, da travessia, todo o horror que caracterisára d'antes o trafico africano. A bandeira peruana cobria a infamia, como a brasileira fluctuára antigamente nos mastros dos navios dos negreiros.

Uma vez a força dos cyclones, communs nos mares da China, fez um destes navios arribar ao porto de Yokohama, no Japão.

As autoridades japonezas tiveram noticia do carregamento que levava o navio e, depois de ouvir as queixas e reclamações dos *coolies*, de verificarem os tormentos a que sujeitava-os o capitão, ordenou a prisão deste e mandou desembarcar e pôr em liberdade os pobres chins.

« D'ahi surgiu uma complicação diplomatica entre o Japão e o Perú, e este, apezar de europeu pela descendencia e christão pela crença, mostrou-se inferior ao governo japonez no que referia-se ao amor da humanidade e ao respeito pela civilisação.

No arbitramento que pôz fim á questão, o Imperador da Russia decidiu contra o Perú, que não teve assim attendido a nenhuma das suas reclamações.

Os crimes que o trafico dos *coolies* originou, diz o Sr. Salvador de Mendonça,foram tão nefandos como os que assignalaram o trafico de escravos africanos. Já ficou dito com que villanias as victimas eram alliciadas e apanhadas. Fatalmente nas mãos de marinheiros e estrangeiros, no meio do mar, ignorando para onde eram levados, esfomeados, doentes, sem luz de esperança, pouco se lhes dava da vida. Praticaram verdadeiros actos de desespero e provocaram proceder igual contra si. As scenas que se passaram a bordo dos navios que os transportaram foram algumas vezes horriveis.

O *Waverley*, navio norte-americano, em outubro de 1855 arribou a Manilha, nas ilhas Philippinas, para sepultar o capitão, que fallecera de dysenteria. Depois de ancorarem na bahia, o immediato que assumira o commando, tratava de descer o cadaver para um bote, quando os chins,ou por quererem alguns ir á terra, ou, como pensam outros, por motivo supersticioso, quizeram vedar-lhe o acto.

O immediato disparou um revólver no meio delles, e matou um homem.

A tripolação depois de armar-se, metteu todos os chins no porão e o immediato seguiu para a terra com o corpo do capitão. Voltou para bordo à noite, mas, nem procurou saber qual a condição dos chins que estavam presos no porão, sem ar, nem luz. Quando se abriram as escotilhas no outro dia pela manhã, foram encontrados 251 chins mortos!

No inverno de 1865, o capitão do barco italiano *Napoleão Canavero*, tendo-se os chins rebellado, fechou-os no porão. Os chins, antevendo morte mais lenta, deitaram fogo ao navio. Os italianos, reconhecendo que não podiam extinguir o incendio, abandonaram o navio sem que abrissem as escotilhas, e todos os chins que estavam a bordo pereceram. »

Era em Macáo que se celebravam os contractos, nos quaes

presidia pelo lado de uma nação christã e á sombra do glorioso estandarte, que alli fluctuara outr'ora tão respeitado, a mais requintada má fé. Do primeiro anno de trabalhos, o chim apenas recebia cerca de 8$000 de nossa moeda, porque o resto era previamente destinado a despezas futuras, absorvendo a alimentação e o medico a metade do lucro.

O tratamento dado aos pobres chins, asseverava o dr. Eduardo Prado, era barbaro e cruel. Pela menor falta vinham o açoite, a prisão, as algemas e as correntes.

Tal foi o odio que os asiaticos crearam aos seus algozes, que por occasião da invasão chilena, elles foram auxiliares utilissimos do exercito do Chile. Ajudavam-n'o no transporte das cargas, serviam-lhe de guia, e mais de uma vez celebraram serviços religiosos, pedindo a protecção do Cêo para as armas chilenas, que os vinham libertar.

Ao trabalhador chinez era destinado de preferencia o serviço mortifero das ilhas Chincha.— « Ao cavarem o guano, que consiste nos depositos estercorarios das aves marinhas nos rochedos das ilhas e cuja altura varia de cem e duzentos pés, os *coolies* eram obrigados a preparar a alimentação antes do romper do dia,e a começar o trabalho apenas podiam enxergar. Tinham diariamente de cavar cinco toneladas de guano e transportal-as a uma distancia de mais de uma oitava parte de milha; os que não davam conta da tarefa eram açoitados barbaramente. Não tinham domingos nem descanço.

Muitos ficaram doentes ou estropiados com as feridas que o guano lhes produzira nas pernas. Desesperados, grande numero delles se suicidou, uns atirando-se ao mar, outros collocando-se debaixo das massas de guano proximas a cahir, emquanto as escavavam, de modo que se pode dizer que se sepultavam vivos. »

Cumpre, porém dizer que o *coolie* empregado nos trabalhos agricolas não soffria os tormentos incriveis que acabrunhavam os que eram enviados aos depositos do guano. E para se formar juizo seguro dos serviços que prestou o *coolie* ao desenvolvimento agricola,

transcrevo o seguinte trecho do officio que, em 2 de julho de 1877, dirigiu ao governo brazileiro o sr. Mello Alvim, nosso encarregado de negocios na republica do Perú:

« Todas as industrias e em particular a agricultura, que definhavam à mingua de braços, mesmo antes da emancipação dos escravos em 1855, reanimaram-se e alargaram-se rapidamente, desde que começou o emprego daquelles trabalhadores, chegando a um grão de prosperidade de que jamais houvéra exemplo no paiz, sobresahindo o incremento e o aperfeiçoamento de sua industria saccharina, hoje de preferencia acceita em todos os mercados do Pacifico. »

E muito judiciosamente o ministro peruano dr. Palacios dizia perante o congresso: — A immigração chineza não é immigração colonisadora e com isso tem se dito tudo. Contractem os lavradores esses elementos do trabalho, ajude-os o governo, como é de seu dever, e obter-se-ha com isso um resultado importante, sem duvida, mas, não se augmentará a população do paiz nas condicções de uma bôa colonisação. »

O trafico de chins que se fazia em Macáo cessou em outubro de 1874, pela intervenção da diplomacia britanica, sendo cerca de 60 mil o numero de *coolies* que haviam sido enviados aos portos peruanos.

Relatando esse triste capitulo da historia do trafico amarello creio haver demonstrado que esta luctuosa pagina vem ainda uma vez provar que, como sempre, a odiosidade longe de recahir sobre o humilde trabalhador asiatico, devia antes reffluir contra os que o exploraram infamemente, cégos pela ganancia deshumana.

XV

A ilha de Cuba, a perola das Antilhas, foi tambem scenario de atrocidades tão deshumanas, que não exageravam os miseros *coolies* quando a denominavam o *inferno na terra.*

Era realmente necessario que se tornassem sem nome e sem conta os supplicios infligidos aos escravisados immigrantes asiaticos, para que fosse chrismada com titulo tão sinistro uma das mais opulentas e ridentes regiões do universo, que, vista na carta geographica, lembra formoso e perfumado ramalhete fluctuando ao som das ondas, e da qual escreveu Christovam Colombo estas palvras:—E' a mais formosa ilha que jamais foi dado ao homem contemplar. Desejaria residir sempre alli, onde não parece existir nem a dor, e nem a morte !

Já encaminhava-se de Cantão para o Estado da California a immigração livre, attrahida pela noticia das riquezas fabulosas de suas minas, quando em 1850 os fazendeiros de Cuba obtiveram da Junta do Fomento, em Havana, autorisação para o engajamento de trabalhadores asiaticos. A casa ingleza Tait & C., do porto de Amoy, contractada pelo agente cubano, foi a iniciadora perniciosissima do trafico, que até 1874 havia encaminhado 142,422 *coolies* ao porto de Havana.—Um commissario cubano assim noticia o modo do singular engajamento.

« O agente entregava os fundos ás casas que acabo de mencionar,as quaes mandavam ao interior recrutadores,impropriamente chamados correctores; estes com suas artimanhas e mentiras illudiam os infelizes *coolies*, que traziam em embarcações chamadas lorchas até o costado do navio. Ahi, sem mais formula, eram mettidos a bordo *velis nollis* e, assim que estava cheio o navio e empaquetados esses desgraçados como sardinhas, fazia-se à vela com o seu precioso carregamento.»

Mulheres depravadas, diz o dr. Salvador de Mendonça, bebidas

alcoolicas e dividas de jogo constituiam parte do mechanismo para apanhar os incautos.

Uma vez a bordo eram maltratados presos como se foram criminosos e insufficientemente alimentados. Em um carregamento de 506 morreram 228; em outro de 296 succumbiram á fome, a enfermidades ou aos máos tratos 163. Quando chegaram a Cuba, os contractos foram em geral vendidos a lavradores e outros por 800$, e esse foi o começo de nova e verdadeira escravidão, a que se acharam condemnados os miseros immigrantes. Estava no interesse do locatario tirar todo o trabalho possivel desse mixto de musculos e ossos que lhe vendiam por tempo limitado. Com a morte punham termo ás dividas que eram contrahidas sob garantia do seu corpo.»

Foi na leitura attenta dessas paginas da historia do trafico amarello,—onde manchou-se de negro a civilisação americana,—que encontrei a explicação do engano, geralmente espalhado, de ser o immigrante chinez muito inclinado ao suicidio.

Mas, nem esses factos se davam na America do Norte, onde o chinez penetrára *livremente*, e nem os frequentes casos de suicidio, que se davam na ilha de Cuba e nos horrendos depositos de guano, se podem attribuir á crença de uma resurreição ou re-incarnação na terra natal. Isso não é com o chim, é com o paraguayo !...

Na travessia do porto de Amoy á ilha de Cuba mais de uma vez o mar tingiu-se do sangue dos immigrantes, impellidos à revolta pelas crueldades da marinhagem, e pela fome. Os navios inglezes *Spartan*, vindo de Amoy em 1853, *Robert Browne*, tambem do mesmo porto em março de 1852, tornaram-se o theatro ensanguentado de furiosa lucta e de barbaridades incriveis.

Para que se possa ajuizar do que era a immigração de *coolies* para a ilha de Cuba, é bastante dizer que 42,501 transportados até 1860, 7772 falleceram *em viagem* e cerca de 25,000 dentro dos doze primeiros annos, regulando no primeiro caso 20 % e no segundo 60 % ! Não eram somente originadas nas influencias climatericas as causas de tamanha mortalidade, porque eram muito mais mortiferos do que os cannaviaes de Cuba os gelos da Sierra Nevada, as galerias das minas da California, os trabalhos de *drainage* dos paúes.

O que principalmente causava tão extraordinaria mortalidade era, (em perfeito contraste com o tratamento dos passageiros dos vapores da *Pacific Mail* e dos trabalhadores na California.)—o modo barbaro com que eram tratados os *coolies* enviados para Cuba, o excesso de trabalho,o supplicio da fome, os máos tratos que os aguardavam nas fazendas da ilha.

Aos mais avisados *coolies* de Amoy acenavam os correctores com as tentadoras vantagens de um contracto de escravidão temporaria nas plantações cubanas. Garantiam-lhe entre outras vantagens a excellencia dos navios de transporte, e que não havia alteração de seus habitos, o engajamento por cinco annos, o direito de regressar ao cabo do primeiro anno de experiencia, duas mudas de roupa annualmente, poder cultivar para si um lote de terra, repouso aos domingos, e a passagem gratuita á mulher e aos filhos do engajado.

« Nas *vesperas* da chegada à Havana eram chamados um por um os emigrantes para assignarem os contractos e, se algum a isso resistia, o interprete encarregava-se de fazel-o por elle.

Algumas vezes nenhuma noticia tinham os chins do destino que levavam, nem da existencia de taes contractos, em que appareciam os seus nomes. A admiração que manifestavam ao conhecer a sua sorte, os seus protestos e a narração das violencias com que se obtinha o seu engajamento, tudo era habilmente attribuido pelos agentes e capitães de navios á *hypocrisia e falsidade* do caracter chinez. » (Dr. H. Lisboa. *A China e os chins.*)

Em relação á maioria dos immigrantes o processo era ainda mais summario, talvez, do que o trafico africano. Subornavam as sentinellas dos barracões para substituir por *coolies* enganados ou coagidos os individuos a soldo das agencias, que figuravam em todas as expedições com differentes nomes. Aquelles desgraçados eram escondidos a bordo e se resistiam, amordaçados e atados debaixo de saccos de arroz durante a ultima inspecção official, na qual respondiam em seu nome os substitutos de officio. Outras vezes estes seguiam ostensivamente no navio até um ponto deter-

minado da costa onde cediam seu logar a miseraveis arrancados violentamente das suas aldeias, e trazidos à noite em juncos, nos quaes desembarcavam os outros para repetir seus manejos.

Não creio que a pirataria que marcava com um ferro em brasa os hombros dos africanos tenha paginas mais infames e victorias mais degradantes.

E comtudo, se é licito desviar a vista desse ponto negro da historia da immigração para a ilha de Cuba e Perú e contemplarem-se os resultados do trabalho chinez, notaremos que possuindo aquella ilha uma população que não excede de 1.500,000, já em 1877 o assucar exportado para os Estados Unidos attingia à enorme cifra de 98.969.252,516 ao passo que no mesmo anno todo o nosso commercio com aquelle paiz foi de 81.602.184.916, ou menos 17.267.067,244. Em 1887, dez annos depois, o valor de exportação havia quasi duplicado elevando-se a 163,299 contos de réis, cifra redonda.

¿ Poderá o nosso paiz apresentar na estatistica commercial tão extraordinaria progressão ? — Com uma população quasi dez vezes maior do que a de Çuba, acredito que não podemos apresentar tão brilhante resultado.

— Nenhum filho deste paiz, é certo, dezejaria vel-o obter a palma da victoria, ufanar-se de consideravel prosperidade agricola se fosse obtida pelo trafico amarello, que revolta a nossa consciencia.

— Pondo em confronto a immigração *livre e espontanea* de chinezes para os Estados Unidos e o trafico ignobil de *coolies* para o Perù e ilha de Cuba, não somente tive em vista mostrar a incontestavel superioridade de uma sobre a outra, como tambem demonstrar os motivos plenos pelos quaes a immigração chineza, é tão mal vista ainda por uma parte de nosso povo.

A causa,—quasi problema — da introducção do trabalhador asiatico só poderá ser resolvida satisfactoriamente se não perdermos jamais de vista as differenças entre um e outro systema, e conhecermos a enorme distancia que separa o *coolie*, que é a escoria, do lavrador chinez que é a parte mais sã da nação.

XVI

Os mais temiveis adversarios da immigração chineza são os que —reconhecendo sinceramente as qualidades extraordinarias do trabalhador asiatico e seu merito incontestavel, como factor no desenvolvimento economico dos paizes novos,—encaram seu exodo como tremenda ameaça de assimilação, a absorpção de grande parte da raça branca. Dão-se lealmente por vencidos e convencidos na parte puramente economia do problma e julgam-se triumphantes na questão ethnologica.

E' a esses adversarios, sinceros e dignos de respeito,que tomo a liberdade, senão ousadia, de endereçar este artigo, na esperança de ser dispensada a merecida desculpa á minha temeridade, vindo discutir esse ponto de biologia, sem auxilio de extranhos, nem accessor scientifico armado apenas de tão intensa vontade de acertar, que a estes meus pobres escriptos poder-se-hia applicar com justiça a phrase do velho Montaigne : *Cecy est un livre de bonne foy*—

Ao ver dos infensos á medida, em que o agricultor brasileiro enxerga o unico remedio, a introdução do trabalhador asiatico seria a maior catastrophe para o Brasil. Operar-se-hia a mais humilhante assimilação de raça, ou, para empregar o termo mais expressivo, a « mongolisação » do nosso paiz, pela invasão da onda amarella.

Admitta-se, por simples argumento, que a reabertura dos portos brasileiros á immigração asiatica fosse o signal de uma assustadora irrupção dessas verdadeiras formigas humanas em nosso solo.

Figuremos que dentro dos vinte annos mais proximos seja de cem mil immigrantes chinezes a media das entradas annuaes nos portos brazileiros,—cifra exageradissima, porque o *maximo* das entradas na California foi de 18.021 em 1875.

¿Se o chim é de raça inferior á nossa, verá o universo, pela primeira vez, a absorpção da raça superior, dez vezes mais numerosa, pela raça inferior?!...

E, ainda argumentando com a hypothese,—se somos superiores ao chim, o que não ganhamos? Se somos inferiores, o que perdemos?

Ainda teria algum cabimento esse receio, se a raça chineza fosse apropriada á *colonisação*, e se houvesse entre nós tamanha sensatez que, sacrificando o futuro desse paiz colossal, importassemos o chim como *colonisador*, *povôador do solo*, e em tal quantidade que nos transformassemos em China americana, e não como um simples trabalhador que venha dar á lavoura o impulso, talvez mais extraordinario que terá presenciado este seculo.

Deu-se este inconveniente nos outros paizes explorados pelo trabalhador asiatico? Ninguem o poderá affirmar com seriedade.

No territorio da republica dos Estados Unidos existiam em 31 de dezembro de 1878, segundo documentos officiaes, 150.487 immigrantes chinezes; de 233.126 que desembarcaram no porto de San Francisco durante 26 annos, haviam regressado 93.273, quasi metade.

A republica do Perú recebeu do porto de Macau 67,117 *coolies*, segundo o sr. Henrique Lisbôa, 80,000 segundo o sr. Joaquim Nabuco. A ilha de Cuba importou 142,422 *coolies* atè 1874, periodo em que, a despeito das reclamações do governo e dos lavradores, trancou-se o porto de Macau ao ignobil trafico amarello. Java, Sumatra, Bornéo, todos os pontos onde tem aportado o trabalhador chinez, vèem a agricultura conquistar seu verdadeiro logar, de elemento sem igual no desenvolvimento da riqueza.

Dissemos que a necessidade matou o preconceito, escreveu judiciosamente o Sr. Quintino Bocayuva. O preconceito reputava inhabil e fraca para o serviço do campo a raça asiatica. A experiencia demonstra o contrario:

Em todas as Antilhas, na Goyana, na California, no Perú sobretudo, demonstra ella sua energia, sua aptidão para o trabalho. Para attrahil-a, sommas consideraveis hão sido despendidas e tratados solemnes hão sido celebrados no intuito de garantir a liberdade do engajamento nas differentes partes do continente que ella occupa. Esse empenho e essa solicitude por parte de nações tão esclarecidas como a Inglaterra e a França revelam que encontraram ellas nesse abundante viveiro de braços um elemento de prosperidade e grandeza, que zelam com o maior cuidado. Só em auxilio da ilha da Reunião tem gasto, com essa immigração, o governo francez 30 milhões de francos. Não é necessario referir-me às outras suas possessões »

Pois bem. Nem em Cuba, onde o *coolie* representava quasi a decima parte da população total da ilha; nem no Estado da California, onde o immigrante asiatico soffreu durante longos annos a guerra mais desapiedada e mais brutal; nem nas ilhas Mauricias, onde a população chineza é *muito maior* do que a da raça branca e indigena, em parte alguma se observou ainda o phenomeno da assimilação da raça amarella, a degeneração da raça superior.

Se fosse real esse perigo, é de ver que os implacaveis irlandezes na California não teriam deixado de empregar o argumento porque seria a melhor arma de combate. Longe disso, o que é rigorosamente exacto, é que era alli o chim hostilisado tenaz e francamente pelas suas qualidades bôas, porque mostrava-se no trabalho superior ao europeu, economico quanto o outro era dissipado, sobrio, quanto o outro era comilão e borracho, pacifico e humilde quanto o outro era brigão e orgulhoso.

Obtempera-se que à economia sordida do immigrante asiatico devem os paizes que elle habita, temporariamente quasi sempre, a felicidade de se verem livres da assustadora assimilação de raça?

Mas, neste caso, a outra objecção levantada pelos que hostilisam a immigração chineza cáe por si mesma. E se fosse possivel dar corpo a esses dous argumentos, tão oppostos sobre o mesmo assumpto, o acto mais acertado seria atirar um contra o outro e esperar de lado o fim da contenda.

Ha quem sinceramente supponha que o immigrante livre faça, para vir ao Brasil, uma viagem tres vezes maior do que de Cantão a S. Francisco, sem que por parte do governo empreguem-se sincero esforço e verdadeiros sacrificos? E que no momento em que a immigração asiatica fosse julgada inconveniente, não era meio infallivel de sustal-a, somente pela cessação de subsidios a emprezas de transportes ou de passagens gratuitas?

Não devemos esquecer que o trabalhador chinez tem em muitos outros paizes mais proximos os meios de ganhar a vida sem necessidade de vir ao Brasil, fazendo uma viagem de mais de metade da circumferencia da terra. E onde estão as nossas *montanhas de ouro?*

Um tanto á puridade, e sem intenção offensiva a convicções alheias, seja-me licito observar que, além de me parecer inteiramente descabido o receio de que o conctato com a immigração chineza torne a nossa raça menos pura e menos formosa do que é, não acho razão nos que entendem que a essa sombra de um perigo imaginario é dever civico sacrificar-se tudo mais. Tanto valia condemnar as estradas de ferro, porque são possiveis os descarrilhamentos.

E porque esse zelo intransigente n'um paiz em que, quando muito e mais por obediencia á moda, a raça unica que se procura melhorar é a do cavallo de corridas?... Cumpre dizel-o sem rebuço: em nenhum paiz do mundo tem-se em tão pouco apreço a educação physica, porque a gymnastica é exercicio proprio para artistas de circos, e frisa o ridiculo quem, — como um mineiro dos mais illustres que tenho conhecido,—olhar no futuro genro o caracter e tambem a estampa.

Ainda o anno passado, no congresso de exercicios physicos, dizia Jules Simon: — Todos devem reconhecer que o espirito tem um camarada inseparavel, que é o corpo: Ora, esse desprezado

companheiro acabou pelo anniquilamento e estamos vendo que triste carreira pode realizar o espirito o mais trefego e o mais irriquieto acorrentado a um valetudinario incapaz de seguil-o.»

Ainda nesse ponto o politico, o nosso estadista *qu'on croit profond parce qu'il mysterieux*, na immortal phrase de Molière, e que sómente cuida da victoria dos principios, ainda que o diabo leve o resto, revela o seu desdem por essas *futilidades.*

E que contraste desanimador!

Na Hollanda, os meninos debeis, os pequenos indigentes que frequentam as escolas, são transportados á custa dos cofres publicos às praias do littóral, para o uso dos banhos de mar durante uma epocha do anno. Na Allemanha fez-se da educação physica, da gymnastica uma questão de patriotismo, preparando-se a mocidade para a *revanche* de Iena.

Na Dinamarca, o ensino primario comprehende a gymnastica, como em outros paizes,merecendo o titulo de Universidade gymnastica o Instituto Central, de que trata minuciosamente M. Ferdinand Lagrange, na *Revista dos Dous Mundos*, de 15 de abril de 1891 sob o titulo—*La gymnastique* a *Stockolm.*

Em todos os paizes da Europa um dos divertimentos mais frequentes do estudante em ferias consiste nas grandes excursões a pé, com a maleta de roupa branca ás costas, o bordão de ponteira de ferro para as montanhas asperas e os grossos sapatos tauxiados, que um brazileiro bonitóte e afidalgado, — sem ter de quê, — não metteria nos pés molles nem para sahir ao terreiro da casa paterna.

Porisso quando em nome do vigor, da pureza da nossa raça se combate a immigração chineza, sinceramente lastimo a enorme divergencia que ha entre o que se diz e o que se faz neste paiz.

A causa da immigração não é sómente a causa da agricultura. Não ha um só habitante do Brazil a quem seja indifferente a prosperidade ou a ruina da unica industria consideravel que alimenta o commercio de exportação. Convençamo-nos, pois, de que se a immigração chineza offerece inconvenientes, nada fazer emquanto é tempo será um desastre.

XVII

No relatorio apresentado ao vice presidente daRepublica pelo actual ministro da fazenda, dr. Rodrigues Alves, lèem-se os seguintes trechos, pertinentes ao assumpto:

« Desde que se active a producção procurando-se desenvolvel-a com esforço, facilitando-se aos productores os meios de trabalho, aquellas difficuldades tenderão necessariamente a diminuir.

« Duas grandes necessidades se impõem, a meu vêr, para alcançar esse resultado: a regularidade sem demora no serviço de transportes, principalmente na estrada de ferro Central, e o desenvolvimento da immigração para acudir o supprimento de braços reclamados pela lavoura, sobretudo nos Estados do Sul.

« Da colheita ultima de café, disse a delegação dos commissarios do Rio de Janeiro, que se apresentou em condições favoraveis, *uma grande parte não foi feita, por falta de braços.* Essa perda, que póde ser computada *em cerca de* 500.000 *saccas de café*, deve constituir incentivo sufficiente para que á lavoura sejam feitos supprimentos de braços uteis e indispensaveis. »

Não competia ao sr. ministro da fazenda dizer o modo pelo qual poder-se-ha supprir a lavoura de « braços uteis e indispen-

saveis, » e nem a ponderosa compostura do estylo official permittia dissonar da afinação dessa musica, que o realejo governamental móe desde 1830.

Abra-se ao acaso um relatorio qualquer, e lá havemos de encontrar a mesma cautela em conservar-se prudentemente longe dos escolhos a falúa ministerial, não arriscar a menor asserção sobre a « falta de braços indispensavel á lavoura, » que não seja repetição fastidiosa das considerações vagas que seus antecessores já escreveram.

E como não ser assim?... Frequentemente entregava-se a pasta da agricultura a individuos que não passam de bons magistrados, tornando-se a secretaria um prolongamento da Relação, mudando apenas para alli a sala da audiencia e do despacho.

As vezes inteiramente extranhos ao novo emprego, e não lhes bastando as boas intenções para debellar a natural timidez; não possuindo bases seguras de informações, por que não temos ainda organisado um serviço regular de estatistica agricola e commercial; sem coragem para a navegação do alto mar, era o novo Colbert obrigado a seguir sempre a navegação costeira do expediente, fugindo cautelosamente ao enjôo do alto mar ou ao naufragio inglorio na areia.

No trecho que transcrevi ha,porem, esse facto importantissimo: cerca de dois milhões de arrobas de café, não foram colhidas por falta de trabalhadores. Quer dizer que approximadamente trinta mil contos de reis, deduzidos na producção annual, foram deitados fóra, apodreceram, com prejuizo consideravel das rendas publicas porque o lavrador não acha auxiliares no trabalho da colheita ainda mesmo offerecendo-lhes quasi o triplo do salario commum.

Um benemerito estadista inglez, Richard Cobden, disse que podia-se affirmar a prosperidade de um paiz, quando dous patrões representam um só trabalhador; mas, que o paiz vai mal quando dous trabalhadores procuram um patrão. No Brasil dá-se o primeiro caso; são os fazendeiros que representam o trabalhador; mas, ao

contrario do que parecia natural na hypothese de Cobdem, o operario não acceita os offerecimentos de nenhum, porque não foi educado na escola severa e moralisadora do trabalho, como operario inglez.

O trabalhador rural no Brasil é quasi sempre um liberto, que associa a idèa do serviço á lembrança amarga do captiveiro, sem ambição de melhorar de sorte, de formar um peculio, sem nenhum estimulo,—nem o das mais legitimas aspirações,—sem a religião da palavra, contentando-se de ganhar n'um ou n'outro dia o necessario para não morrer de fome, misera classe que a embriaguez e outros vicios vão matando depressa. A estatistica da mortalidade da raça escrava é tristemente extraordinaria em nosso paiz.

Antigamente em Minas a probidade era, como o genio hospitaleiro e serviçal da nossa população, um titulo de orgulho.— Tropeiros, analphabetos na maior parte, recebiam no Rio de Janeiro as mercadorias para os negociantes dos sertões da Bahia e de Goyaz, a centenas de leguas de distancia e não ha um só exemplo de extravio criminoso de generos, de violar-se, ao menos, um volume de mercadorias. O ouro extrahido das minas e que era, ao chegar á Inglaterra, acompanhado, segundo dizem, por soldados de policia até ao escriptorio das companhias, transportavam-n'o até ao Rio de Janeiro, empregados subalternos, que tinham necessidade de atravessar grandes extensões, ermas inteiramente, e que não occultavam nos poisos das estradas nem a sua procedencia, nem a grande riqueza que conduziam.

Uma dolorosa verdade é que a entrada, de chofre, na sociedade mineira de cerca de duzentos mil libertos, pouco inclinados á aspera condição do trabalhador livre, vai operando nas camadas mais profundas da nossa população sérios estragos, minando pela base rapidamente a montanha. E' um phenomeno natural, que se vê em toda a parte. O indio Sioux, civilisado a bala pelos norte-americanos, e expulso das ultimas terras da possessão ; o liberto

transportado para a Liberia, o ex-escravo brasileiro, que prefere a indigencia na povoação á vida rural, todos obedecem ao seu temperamento, a essa lassidão e entorpecimento que dominam os convalescentes e os vencidos.

Actualmente, a alta extraordinaria do preço do café permittiu que o fazendeiro triplicasse o preço medio do salario. No momento em que os preços desse genero descerem às suas proporções normaes, é difficil dizer ao certo o que parece mais facil realizar-se, porque sendo *impossivel* que o trabalhador acceite a reducção do salario na proporção do preço do producto, o fazendeiro ou será forçado a abandonar a sua propriedade ou a entregar a seus empregados todos os lucros.

Será a victoria do quinto estado, a completa desorganisação do serviço rural. Não é necessario ser autoridade na materia para vaticinar esse angustioso periodo, para a classe mais util ao Estado e a mais productiva deste paiz.

A immigração chineza, escolhida e livre é, a meu vêr, o unico remedio imposto pelas circumstancias. Confesso que não é a primeira do mundo como elemento de *colonisação* e nem a desejaria como tal para o meu paiz.

Convençamo-nos emquanto é tempo do estado gravissimo a que nos leva o defeito, tão nosso, de contemporisar a solução de um problema, que já era uma necessidade imperiosa no tempo da escravidão. Pode-se comparar este paiz a um enfermo, cuja existencia é necessaria tanto aos filhos, como aos credores. E quando as feridas abertas ameaçam gangrenar, seria mais do que inepcia medical-o por meio de pastilhas de confeitaria.

E com todos os defeitos, que o preconceito de uns, a ignorancia, ou a timidez e apprehensão de outros emprestam ao trabalhador asiatico, elle é o unico que póde offerecer actualmente as vantagens proporcionaes ás nossas necessidades; só o pulso franzino e tenaz do operario chinez póde sustar a tempo a queda do edificio

que oscilla ameaçador e cujo tombar seria a ruina completa e irreparavel do Brazil.

Terminando a serie de despretenciosos artigos sobre a immigração chineza,fecho o periodo de minha existencia em que reputava um dever civico escrever, conforme m'o permittia a intelligencia sem cultivo, sobre assumptos que julgava dignos da attenção dos meus amigos e do publico.

Desse periodo conservarei sempre gratissima recordação, porque os sacrificios que me custava essa desinteressada tarefa foram sempre recompensados generosamente pela fidalga e affectuosa hospitalidade da imprensa, como serão tambem sempre gratos á minha lembrança pela certeza de jamais haver escripto uma phrase, ao menos, onde estillasse a injuria ou gottejasse a calumnia.

Mais feliz ou menos humilde que o propheta dos crentes, ao deixar a penna de collaborador na imprensa do meu paiz, julgo que a ninguem devo pedir perdão, porque tenho certeza de que a ninguem offendi.—Concluo essa missão sentindo a minha consciencia tão limpida como no dia em que a encetei, porque era sempre o mesmo sentimento que me impellia:—o desejo sincero e vehemente de ser util á causa do nosso progresso e de nossa civilisação.